

CONVERGÊNCIA

DEZEMBRO - 1969 - ANO II - Nº 20





EDITORIAL

“... PARA TODO O POVO”

O movimento histórico é da juventude. Fôrça palpitante e dinamizadora do mundo que se constrói, ela se impõe à consciência da Igreja, com as suas aspirações, seus impulsos e suas exigências, outros tantos sinais da encarnação perene do Senhor.

CONVERGÊNCIA dedica esse número de *Natal* aos jovens, ou melhor, aos numerosos religiosos que vivem para eles e com eles.

O *Natal* evoca a eterna juventude, a volta incessante, a missão continuada do Filho de Deus que, nascendo da Virgem Maria, quis assumir, para resgatar, os valores sempre novos de um mundo criado pelo amor do Pai.

O *Natal* ecoa também, pelos séculos afora, o mesmo apêlo incompreensível que o Menino Deus dirigia silenciosamente a seus pais: que o educassem, que o ajudassem a crescer como Homem perfeito e Salvador dos homens. Agora a boca fala pelos membros mais novos do Corpo místico. Pede uma ajuda decisiva para o crescimento cristão, para o desenvolvimento integral, para a vida em plenitude desses novos rebentos da vinha do Pai.

Apêlo tácito e inconsciente das multidões de alunos que se educam sem nenhum contato vital com a Igreja — comunidade de fé e de amor...

Apêlo implícito ou vagamente formulado pela população estudantil que frequenta nossos educandários católicos, aguardando a hora da renovação de tais instituições, o momento em que elas se tornarão verdadeiras comunidades educativas, agentes de uma edu-

cação libertadora, conscientizadora e comprometedora com a História.

Esse apêlo atravessou os séculos e, várias vezes, foi captado pela Igreja atenta às moções do Espírito. O Espírito sempre soprou em direção da juventude a ser educada em Cristo.

Inúmeras Congregações religiosas surgiram, assim, para responder concretamente a uma necessidade de formação humana e cristã da mocidade. Diante da miséria, da indigência, do subdesenvolvimento espiritual, intelectual e material das novas gerações, o Espírito suscitou homens e mulheres, realmente carismáticos, que assumiram integralmente o múnus pastoral, no campo da educação. Fizeram mais. Comunicando a outros e outras suas inquietações apostólicas, suas intuições pedagógicas, sua fisionomia espiritual, tornaram-se *fundadores* das Congregações docentes. Era uma nova modalidade de vida evangélica que apareceu na Igreja: uma vida religiosa totalmente consagrada à juventude, polarizada pelo ministério educativo, marcada até em sua essência por esse serviço eclesial ao mundo.

Falta-nos ainda aprofundar mais e, sobretudo, viver com autenticidade maior a síntese *religiosos-educadores*. Precisáramos ver mais claro o contributo que a diaconia do ensino e da educação cristã em geral confere ao fenômeno multiforme e plurivalente da “vida segundo os conselhos evangélicos numa comunidade religiosa”.

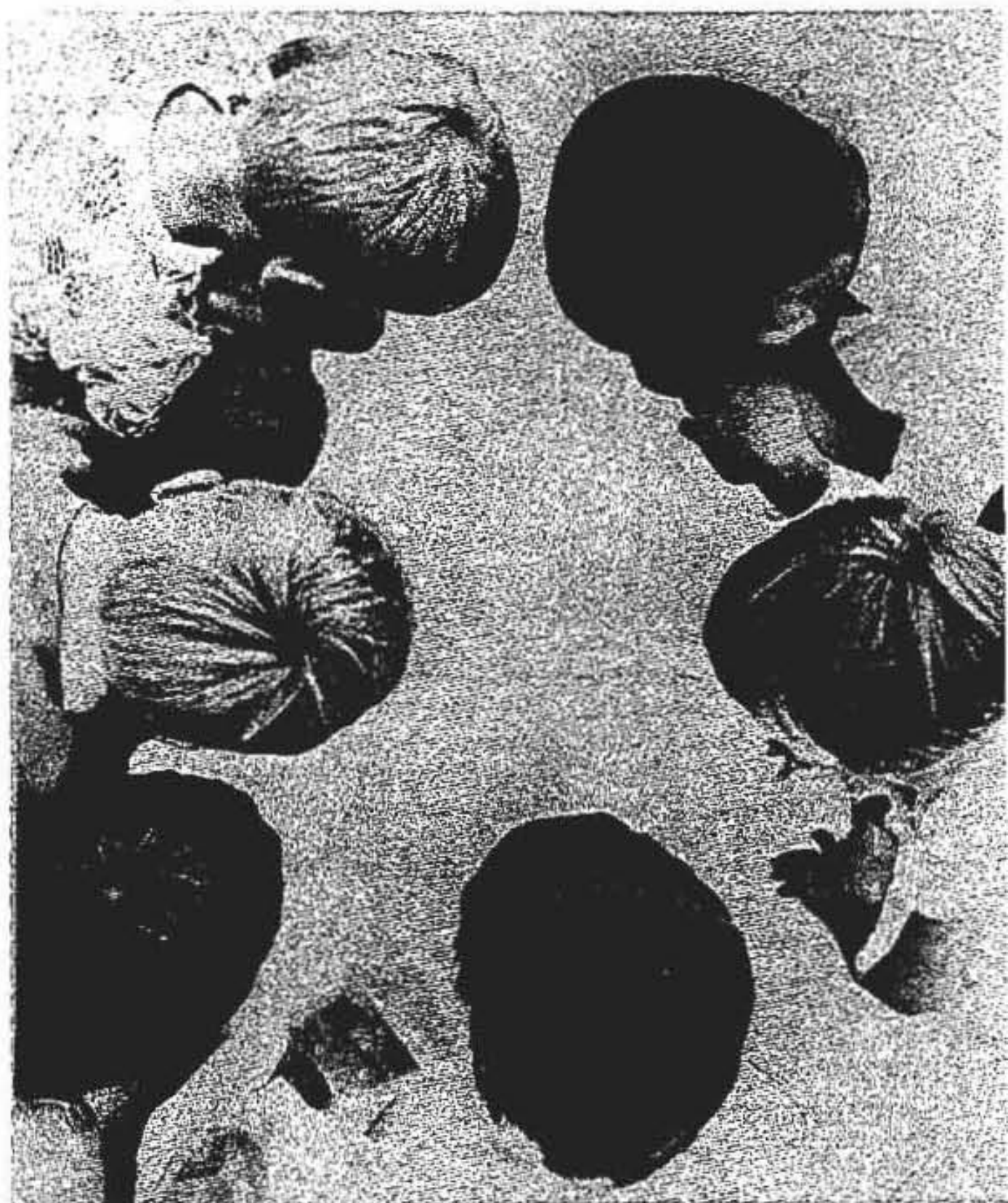
Atualmente questiona-se muito sobre a validade desse tipo de vida religiosa; contesta-se bastante a modalidade prática que absorveu quase por completo o apostolado de tais religiosos, quero dizer, a *escola*. “A manutenção dos nossos colégios, constatava a CNBB em recente documento, torna-se insustentável e fonte de sofrimentos para os religiosos responsáveis por eles. Tanto mais que o atual sistema de educação continua alienado de nossa realidade existencial e, não raro, alimenta privilégios discriminatórios”. Novos campos se abrem ao trabalho educacional da Igreja, e os religiosos precisam engajar-se neles; precisam fazer corajosa e lucidamente novas experiências; precisam levar a mensagem evangélica aos colégios leigos, estatais ou particulares, pois sobre a turba multa de seus estudantes poder-se-ia dizer como Jeremias: “Os pequeninos pediram pão, e não havia quem lhes desse” (Lam 4,4). Sente-se ainda a necessidade urgente de pastoralizarmos a *escola* católica, de se elaborar logo uma pedagogia cristã orgânica, inspirada no Evangelho e respondendo à realidade existencial dos jovens, de se formar numerosas equipes de peritos em pastoral juvenil que se dediquem, com tempo integral, à evangelização das massas que sobem para a vida.

No meio de tôdas essas necessidades, interrogações e crises, continua repercutindo o apêlo de Natal: o apêlo de crescimento, de educação cristã, de dedicação apostólica aos membros mais novos de Cristo.

E êsse apêlo atinge os religiosos educadores, tão numerosos em nossa pátria, chamando-os à conversão. Uma conversão institucional e pessoal ao mesmo tempo. Conversão que signifique fidelidade renovada ao carisma vocacional e compromisso com o futuro, pois a juventude vive em função do que "ainda virá", isto é, da salvação definitiva.

Se os jovens nos *encontrarem* religiosos identificados com a nossa missão de educadores, empolgados pelo Cristo e compromissados com o seu Evangelho, vivendo transparentemente êsse Evangelho numa comunidade educativa, abertos ao mundo e empenhados na promoção do homem, então sim, nossa vida religiosa ser-lhes-á resposta e mensagem de Natal, do Natal contínuo. Tôda ela lhes dirá a palavra libertadora que esperam de nós: "Anuncio-vos uma grande alegria para todo o povo, nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor" (cf. Lc 2,10).

«Anuncio-vos uma grande alegria para todo o povo, nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor».



IGUAIS

A CRIANÇAS CURIOSAS

UM ACONTECIMENTO

RONDANDO UM

Iguais a crianças curiosas rondando um *acontecimento*, os pensamentos humanos dão voltas e mais voltas em redor daquele fato que, na história da humanidade, se impôs ao ponto de provocar uma nova contagem dos anos. Séculos de pensamentos tentaram tenazmente aproximar-se da realidade escondida na simplicidade óbvia de um parto. Não obstante isso, todos os esforços de compreensão parecem hoje cristalizados em fileiras intermináveis de palavras, descrevendo interminavelmente sua órbita em tórno do mesmo núcleo. A ansiedade de penetração intelectual apresenta-se como um imenso conjunto de espirais que, mais de longe ou mais de perto, mais acima ou mais abaixo, oscilam em fun-

ção de um só e mesmo centro. Ora, o receio que então nos invade é o de sermos vítimas de uma visão torcida ou mesmo, quem sabe, alucinada. De qualquer modo, porém, uma coisa é certa: continuamos a sentir sempre a necessidade de ver. Com efeito, o *ver* e o *ser* concatenam-se dentro de nós como condições fundamentais e complementares da vida.

Com muita insistência, diz um texto que Deus habita uma luz inacessível. E juntamente com esta afirmação e com igual insistência nos vem a pergunta: de que maneira o homem experimenta hoje sua visão dêste Deus?

Tratando-se de fenômeno tão fundamental, é talvez perigoso e ingênuo fazer comparações com outras épocas. Dificilmente, porém, escapamos à impressão de que se processou aqui, durante os últimos tempos, um desenvolvimento acelerado e profundo. Por motivo de honestidade consigo mesmo, parece que o homem experimenta cada dia mais a exigência de reconsiderar o problema de sua posição face a Deus. E dado o fato de êle, Deus, ser o *outro*, esta reconsideração já provocou, numa intensidade incalculável, o afastamento de formas e imagens que por muito tempo marcaram o feitio das expressões religiosas.

O fato talvez cause alguma estranheza. No entanto, é curioso notar que um psiquiatra como Rümke, partindo de sua prática analítica, encarà o fenômeno de um modo muito simples: a descoberta de Deus como o *outro* forma o centro e a *conditio sine qua non* para a constituição de uma personalidade equilibrada e de uma fé adulta.

ACONTECIMENTO



**PARA
REFLEXÃO**

Ultimamente, tem-se insistido muito na inacessibilidade de Deus. Os pensamentos mais profundos e as mais agudas buscas da verdade nunca deixaram de notar e assinalar êsse aspecto. Textos bem antigos e textos ultra-recentes registram com clareza, neste ponto, um consenso surpreendente e estável. Mas, às vezes, o atual despertar para a comunicação, tornando mais agudo o pavor do isolamento, acarretou juntamente uma visão em que Deus começou de novo a ser encarado, sem o mínimo disfarce, simplesmente como o *inacessível*. O fato é que, em determinados momentos, uma vivência menos profunda quase chegou a sugerir que Deus nada mais era que um de nós. Ora, é o caso de perguntar: não estaríamos assistindo aqui a uma reedição contemporânea da fuga ao brilho insuportável que ofuscou o povo de Israel no encontro com Moisés? (Aquêlê brilho era o brilho mesmo do Deus com quem êle se entrevistara). Nosso espanto com o fato do "túmulo vazio" traduz, talvez, o choque que levamos quando afinal a consciência e a vivência nos convencem de que Aquêlê que tanto parecia nosso, em última análise não é o que pensávamos. A "morte de Deus" talvez contenha muitos elementos de desilusão que podem afinal desmascarar uma falsa penetração no centro do foco luminoso onde mora a Realidade.

PARADOXOS

Que pensar, pois, do Mistério do Natal? Um parto, acontecimento lindo e simples que se repete diariamente milhares de vezes, tornou-se alvo da atenção dos séculos. Os pensamentos e olhares humanos, porém, têm seu feitio, têm um andar todo próprio. As poesias e pinturas de muitos anos e de várias culturas mostram que sempre havia uma criança na manjedoura, mas revelam também que esta criança era sempre diferente. E', sem dúvida, viável aceitar uma série de incertezas em volta do nascimento de Cristo. Certo é que se trata de nascimento humano; certo é que visivelmente o presépio não está vazio, mas para nós deve ficar bem claro o seguinte: a luz onde Deus mora permaneceu impenetrável, embora êle se comunicasse; Deus é o *outro*, mesmo que se torne nosso. Impõe-se, neste ponto, lembrar o livro *Ortodoxia*, de Chesterton, quando trata, deliciosamente como sempre, dos paradoxos do Cristianismo. O mistério para nós concentrou-se na incompreensível convergência destas linhas, quase diríamos destas linhas que se cruzam. Aliás, curiosa é a forma verbal que hoje estamos tentando dar à nossa posição no mundo em relação a Deus: a falta de acabamento harmônico, nós a expressamos comumente com os termos *horizontal* e *vertical*.



Convergência

O QUE CONTA É O ENCONTRO DOS HOMENS. A CONVERGÊNCIA DOS HOMENS. E CRISTO É O FOCO ÚNICO DE CONVERGÊNCIA.



O NOSSO OUTRO

Diante do costume de enfeitar o Natal com doces frases e pensamentos mansos, talvez seja um tanto indelicado evocar agora a tensão que se cria quando se medita sobre o mistério da encarnação.

Este comunicar-se tão especial do Deus que mora tão longe, sem dúvida, nos perturba. Todavia, o medo não nos deve afastar do mistério. Apenas é bom lembrar que a tensão ou a diferença de potencial está na raiz de tudo que vive. Estranho seria que um acontecimento como este, central nos mistérios do mundo, não trouxesse com toda vivacidade tal caráter de tensão. Aliás, a Palavra de Deus não deixa dúvidas quanto à presença deste fenômeno.

Há pessoas, porém, que conseguem manter facilmente a atmosfera do "doce Jesus", da inquestionável e simples transição do Outro que se tornou nosso. Há pessoas que lamentam sem maiores problemas a ausência de tranquilidade no olhar de muitíssimos cristãos. No entanto, é bom que se lembre, este olhar talvez já tenha conquistado um realismo bem maior e, por isso mesmo, uma humildade bem mais profunda. À primeira vista, é fácil e bonito acariciar uma simples criança. Tal gesto possui toda a graça e naturalidade de tudo o que nasce e que cresce. Mas existe uma lenda em que um dos magos, curvando-se, encostou a fronte no chão e assim submergido no mistério, escondido em Deus, não conseguiu mais voltar para seu tempo e se perdeu nos séculos da eternidade. De fato, isso é uma lenda, mas o brilho do presépio cresce muito mais quando se aceita a tensão entre os pólos do tempo e da eternidade, do totalmente *outro* e do inteiramente *nosso*, do tumulto vazio e do presépio cheio, daquele que habita uma luz inacessível mas ilumina o mundo... e há momentos em que o canto *Vinde, adoremos* ganha, com isso, maior sonoridade por estar mais ligado à *quinta dominante* e ao *tom fundamental*.

DEUS ESTÁ MORTO?

Coleção Idoc nº 1 – 272 pp – NCr\$ 15,00

Confronto entre a fé cristã, a religiosidade e o ateísmo, num mundo secularizado. Vivemos uma sociedade pós-cristã? O mundo está se des-sacralizando ou está surgindo uma nova forma de sagrado para o homem? Depoimentos de pensadores, sociólogos e teólogos de renome internacional tais como Dekkers, Hamilton, Chenu, Gonzáles-Ruiz, Steeman.



Pedidos à
Editora Vozes
Caixa Postal 23,
Petrópolis, RJ



O PROBLEMA JUVENTUDE

Florianio Tescarolo, Marista

CONCEITO ATUAL DE JUVENTUDE

Nas últimas décadas, o conceito *juventude* evoluiu de um significado puramente psicofisiológico para um significado marcadamente sociológico. Sempre houve juventude e sempre os jovens passaram por suas crises. Nem sempre, porém, tal crise nasceu num mundo também em crise.

Sempre existiu esta época em que o jovem procura situar-se no mundo.¹

Sempre existiu esta aprendizagem fisiológica, esta reestruturação da inteligência, esta descoberta do tempo e das possibilidades da imaginação, este organizar-se da vida afetiva. Entretanto, o mundo onde o jovem atualmente procura situar-se vem apresentando características do próprio jovem: o mundo atual não está encontrando valores estáveis, está ele mesmo se buscando, está revendo todos os critérios passados.

Ora, dentro desse contexto, a juventude atual é muitíssimo diferente da de outras épocas, pois constitui uma verdadeira classe. E, como classe, a juventude é um fenômeno hodierno que está ligado à terceira industrialização (mass media) e só é analisável dentro da problemática da sociedade em geral.

Em seu aspecto social, a crise da juventude prende-se à crise de outras gerações. Particularmente, à crise dos velhos. As rápidas transformações estão marginalizando os velhos progressivamente. A passagem de uma sociedade estagnada ou em lenta evolução para uma sociedade que se industrializa cada vez mais e evolui aceleradamente, transformou a experiência dos velhos em uma bússola descontrolada. Neste mundo em que os jovens lutam por obter o seu lugar, os velhos sentem-se dia a dia mais deslocados e, por isso mesmo, incapazes de apresentar seus valores. Isso, feitas as devidas ressalvas para os poucos que não perderam o rumo, embora não possam, mesmo assim, ignorar a situação concreta.

Da parte dos adultos, uma das fugas mais freqüentes consiste em lançar a culpa na "idade ingrata", tentando assim ignorar a convulsão social, a reestruturação de valores, a secularização em que todos nos achamos envolvidos. Efetivamente, o problema é de todos. Como, indivíduos de idades desencontradas poderão viver solidariamente uma descontinuidade comum? Ora, não existe mais lugar para a gente "ser adulto" mas apenas para "evoluir como adulto". Só assim colaboramos para que a juventude tenha sua *oportunidade social* de medir-se e de medir a sociedade (adolescência). Possibilidade de globalizar a situação total com a cooperação de todos.²

A conferência do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), reunida em Medellín, agosto de 1968, constatava:

"A juventude hoje não é somente o grupo mais numeroso da sociedade latino-americana mas constitui também uma realidade independente no seio da sociedade. As mudanças culturais e sociais afetaram-na profundamente. Em outros tempos ela estava integrada aos diversos campos sociais: família, centros de estudo e trabalho. Atingia-se os jovens através dos adultos ou das instituições dirigidas pelos adultos. Hoje a juventude apresenta-se como um novo corpo social com idéias e valores próprios, dinamismo interno, à procura da comunidade latino-americana".³

Vemos assim que a mentalidade, a crise e o problema da juventude não são, atualmente, simples fatos isolados, mas sim reflexos de diversos aspectos numa situação global, ampliados, às vezes de maneira dramática.

A crise da adolescência de décadas passadas está englobada, hoje, numa crise de juventude dentro dum mundo em transformação. Os jovens têm hoje mentalidade e uma forma de comportamento similares aos dos membros de uma classe social. Existe uma realidade, uma subcultura que define a juventude distinguindo-a das outras idades. Há idéias e valores que os jovens consideram próprios, ou pelo menos, lhes dão um estilo juvenil de realização.

Dentro deste contexto a juventude continua sendo, como o queria Montessori, um estado de espera em que não se pode utilizar completamente todos os impulsos nem todas as possibilidades do ser. Jovens são aqueles que a comunidade não aceita ainda como adultos sob o ponto de vista social e econômico.

O problema ético da juventude contemporânea pode ser designado como adaptação: adaptação desejada pela juventude para que possa incorporar-se na construção dum novo mundo.



PROBLEMAS PASTORAIS

A educação deve oferecer condições para essa tomada de posição. Criar um espaço onde o jovem possa experimentar-se e experimentar os outros. Proteger o adolescente de uma aculturação indireta (mass media) ou direta (trabalho juvenil) pela sociedade capitalista. Fazer da *marginalidade* em que se constitui a juventude atual, oportunidade de diálogo intenso entre as gerações. Se isto não lhes for dado caminharão para uma ação revolucionária radical ou para um conformismo cético e destruidor.

Crise da juventude deve ser entendida hoje como "um momento histórico em que não muda algo no mundo, mas que o mundo inteiro muda" (ORTEGA Y GASSET).

Esta transformação incide fundamentalmente, no caso da educação juvenil, sobre as estruturas de educação sistemática, a qual se apóia na família e na escola.

FAMÍLIA E ESCOLA

O binômio família-escola, devido a condicionamentos próprios de nosso momento histórico, já não é capaz de enfrentar sozinho o problema de educação da juventude, dando-lhe solução satisfatória.

Estamos acostumados a ouvir, e talvez a afirmar, que a educação depende da família e da escola. Família e escola se completavam muito bem, antes que nossa sociedade entrasse no processo de transformação social que a está mudando substancialmente. Há um terceiro elemento que aos poucos entrou no jogo e que infelizmente, quase sempre, era esquecido nas reformas educacionais: o ambiente.⁴

Tôda tentativa educacional caminhará para o fracasso se esquecer este elemento. O ambiente juvenil engloba o problema do tempo livre juvenil, o impacto dos meios de comunicação de massa, os ídolos da juventude, o amor, e o conseqüente divórcio entre o mundo juvenil e as estruturas educacionais que se fecham a êsses impactos.

O jovem gasta seu tempo e se situa, dentro do mundo, nestes três meios: na família, no colégio (ou emprêgo), e no ambiente.

A família e a escola que se abrem comunitariamente vão integrar e orientar as influências do ambiente. Não é contudo muito freqüente essa conversão institucional.

A família moderna, conservando estruturas passadas, dispõe geralmente de raros momentos de convívio. É comum o caso de pais que somente podem encontrar-se com os filhos aos domingos. Podem, pois nem sempre se encontram.

A escola com a crescente democratização do ensino, de centros educativos transforma-se sobretudo em centro de instrução. As relações interpessoais mestre-aluno são cada vez mais raras. O aluno, como o operário, é dentro da massa um simples número.

Além da dificuldade interna destas duas instituições, sua ação educativa é ainda diminuída pela própria contestação juvenil. Mesmo nos colégios, onde a disciplina faz reinar uma falsa impressão de paz e conformismo, os efeitos da rebelião juvenil não são menos eficazes.

Quando dominado pelo adulto que não lhe permite livre expressão, o jovem reage pela diferença e impermeabilidade aos esforços educativos externos.

A boa influência que êstes dois meios realizam, apesar de suas limitações, são contudo facilmente neutralizadas pelo ambiente. Os meios de comunicação de massa, o cinema, a TV, o rádio, os discos, as revistas, os clubes, apresentam constantemente valores diferentes e mesmo opostos aos apresentados pela família e pela escola.

Um estudo sobre o emprêgo do tempo da juventude colombiana, feito pela Central de Juventude de Bogotá, muito nos surpreendeu. Durante um ano, por 1.000 (mil) horas passadas no ambiente escolar, o jovem colombiano passa, no mínimo, 3.000 (três mil) horas no seu ambiente juvenil. Se considerarmos ainda a disposição psicológica do jovem (freqüente livremente seus ambientes e lá sente-se livre verdadeiramente, enquanto que no colégio suas disposições não são tão positivas), a disposição de receptividade, os meios de comunicação e de persuasão que lhe invadem os ambientes próprios (TV, cinema, músicas, revistas, festivais, etc.), compreenderemos facilmente porque a juventude, na América Latina e no mundo, trans-

formou-se aos poucos numa realidade independente dentro da sociedade.

Além da atitude de abertura, integração e liberação, altamente positiva que a família e a escola podem tomar em relação ao ambiente juvenil, há uma atitude agressiva e depreciativa que simplesmente exaspera o problema.

Estaremos num beco sem saída? A única solução será cruzar os braços e deixar essa "nefasta idade" passar para que depois o jovem crie "juízo"? Poderemos queimar uma etapa da vida sem conseqüências para o dia de amanhã?

Nas relações do mundo juvenil há um elemento de grande importância que é freqüentemente negligenciado: a influência dos jovens sobre os próprios jovens que se intensifica em densidade à medida em que aumenta a separação ou oposição entre as novas gerações e os adultos. Isto faz com que sejam os líderes os que, cada vez mais, canalizam as forças juvenis.

Note-se também que a influência indireta do adulto é sumamente importante para a orientação dêsses grupos juvenis. A presença adulta não-orientativa, mas de apoio e sugestão, dá o *clima* do grupo. Essa presença adulta não é bem recebida, sendo até rejeitada, quando pretende substituir-se às lideranças juvenis.

Os acontecimentos juvenis-estudantis brasileiros de 67 e 68, mostram muito bem esta problemática de autoliderança de influência de adultos nos grupos juvenis e da rejeição de membros do clero e outros adultos que pretenderam substituir-se às lideranças juvenis.

Será, portanto, pela dinamização e animação do ambiente juvenil que o educador poderá atingir o jovem pelo jovem para corroborar seu labor educativo. Mas como agir para não ser rejeitado ou tratado como intrusismo indesejável? A Ação Católica Juvenil viu o problema com grande clarividência há muito tempo: fazer do jovem o apóstolo do próprio jovem.

MOVIMENTOS DE JUVENTUDE

Os *movimentos de juventude* e outras formas de educação extra-institucional constituem hoje as formas básicas para que os próprios jovens transformem a influência do ambiente sobre eles. É um trabalho de auto-educação realizado de jovem para jovem, tirando o melhor proveito possível dos tempos de lazer.



Por uma deformação de informação, estamos acostumados a pensar apenas na classe juvenil estudantil, quando tratamos de educação de juventude. Conseqüentemente tudo quanto organizamos e planejamos é para esta parte da juventude que num país como o Brasil está longe de atingir 50% da população jovem. Para transformar o ambiente, esta educação extra-institucional deve atingir o grosso da juventude: estudantil, operária, camponesa e desempregada.

Ela pode realizar-se de duas maneiras distintas: a) *para* a juventude, pela ação de educadores adultos junto aos jovens; b) *pela* juventude, quando os jovens educam outros jovens. Os *movimentos de juventude* constituem o melhor sistema estruturado de ação pela juventude.

Se a função de educador consiste em formar para a coletividade membros responsáveis, conscientes, decididos a levar seu desenvolvimento pessoal ao mais alto grau para pô-lo espontaneamente a serviço da comunidade, os movimentos e organizações juvenis podem contribuir de maneira eficiente para que se alcancem êsses objetivos.

Características

Os movimentos de juventude são voluntários, espontâneos. O simples fato de filiar-se, de estar presente, mesmo que não se faça mais nada, constitui um gesto livre, uma responsabilidade assumida com toda independência pelos jovens. É uma opção. Essa opção adquire todo seu valor quando se reconhece a estruturação, o enquadramento, a orientação que os próprios jovens encontram ou criam dentro de seus movimentos.

Espírito de Equipe

Nestes movimentos cada um é membro de uma equipe e o jovem tem consciência que segundo ele aja bem ou mal em seu trabalho e em sua vida, a equipe ganhará ou perderá. Em lugar de aceitar uma *noção* de verdade, a juventude ganha uma verdade comunitariamente vivida. Orienta-se antes pela lealdade, tomando-se o conceito em sua primitiva acepção de fidelidade. Trata-se essencialmente de uma *moral* que supõe a pertença a um grupo determinado, cujas exigências representam um dos elementos fundamentais para determinar o bem e o mal.

Autonomia

São os próprios jovens que escolhem seus dirigentes de ocôrdo com o senso de responsabilidade e qualidades pessoais.

Variedade

Êstes movimentos representam o máximo de variedade em opções políticas, sociais, filosóficas, religiosas, etc. O jovem terá ocasião de estudar seu próprio problema, concretizar o resultado de seus estudos na ação, poderá dar um passo a mais do que na escola, isto é, poderá viver em função do que pensa, afirmando com seus atos cotidianos a fidelidade a suas opiniões pessoais.

Afirmação

Nos movimentos juvenis as formas de recreio educativo postas à disposição dos jovens apresentam-se tão numerosas que os desfavorecidos (na família ou na escola) encontram ali algo em que êles, sempre relegados a segundo plano, sempre vencidos, tornam-se de repente os primeiros, atraindo para si os olhares admirados dos companheiros de equipe.

Esta característica explica porque, quase sempre, os *últimos da classe*, os malcomportados, muitas vêzes, procuram avidamente filiar-se a movimentos e se entregam às diferentes atividades com ardor inigualável. O olhar atento do adulto assessor saberá aproveitar a ocasião para ajudar esta personalidade, truncada na família e na escola, a desenvolver-se.

Valôres

Em tais movimentos surgem possibilidades de desenvolver outros valôres fora dos familiares e escolares e com outra hierarquia muito mais próxima da vida.

Muitos jovens, sôbre os quais pesam complexos de inferioridade estritamente intelec-

tuais, de um momento para outro revelam-se na ação verdadeiros chefes de equipe e autênticos dirigentes.

Objetivos

Os movimentos de juventude não devem ter por objetivo proteger o jovem do ambiente em que vive, mas sim prepará-lo para exercer uma influência capaz de melhorar o seu meio.

O objetivo essencial deve ser o de capacitar os jovens a fim de que assumam suas responsabilidades na comunidade, para renová-la. Todo intento de preservar o jovem do meio social de sua comunidade, por piores que sejam as condições desta, está de antemão condenando ao fracasso mais completo.

E' muito mais eficaz suscitar a firmeza do caráter, inculcar normas éticas e propor um plano de ação que capacite os jovens a superar os males de que padece a comunidade, e caso necessário, provocar as mudanças econômicas, sociais e morais para reformar essa mesma comunidade.

A diversidade dos objetivos influi consideravelmente na estrutura de cada movimento. E' interessante notar que os movimentos que mais progresso realizaram nestes últimos anos, são os que exigem de modo concreto o trabalho em prol de uma idéia ou uma tomada de posição nova.

Cuidados

Há certos perigos que devem ser evitados para que o movimento atinja plenamente seus objetivos:

- formar dentro do movimento, um ambiente artificial em relação ao meio em que os jovens vivem, — esta situação os levará infalivelmente a se fecharem num *ghetto* que lhes prejudicará grandemente a formação social

- afastar os jovens de suas famílias e desinteressá-las de sua tarefa educativa insubstituível

- absorver de tal forma os jovens que estes negligenciem sua preparação profissional

- institucionalização ou estruturação excessivas que levam a uma crise de adaptação, — notemos que é muito difícil escapar a esta crise; uma grande flexibilidade de adaptação de formas e objetivos contribuirá para que estas crises sejam menos graves e facilmente superáveis.

Definições

E' importante uma distinção bem clara das diversas organizações juvenis. A confusão pode levar a erros graves no trabalho com os jovens. Uma coisa é movimento, e outra é instituição.



Movimento

E' uma associação à qual se pertence por vontade própria e que exige um ato de adesão por parte dos afiliados, participando estes direta ou indiretamente na determinação e gestão dos programas. Os movimentos costumam ter uma concepção global de educação e não limitam seus programas a determinadas atividades.

O movimento de juventude como tal é característico de uma determinada fase histórica. Reflete um período de crise global, indicando que a juventude busca uma nova ordem que lhe dê uma nova harmonia, melhor equilíbrio e renovadas esperanças.

De certa forma, os movimentos de juventude, nas diversas formas em que hoje se apresentam, são uma forma de rebeldia grupal do jovem contra a civilização atual. Aceitam e procuram até a orientação do adulto mas não toleram o controle ou domínio. A simples presença do adulto, silenciosa mas amiga, é suficiente para dar segurança ao jovem e inspirar-lhe confiança em si próprio.

Instituição

E' um organismo técnico posto à disposição dos jovens a fim de lhes permitir o acesso a determinadas atividades recreativas ou culturais. Na maior parte dos casos, o controle e direção destas instituições corresponde a um organismo ou associação mista, na qual tomam parte adultos e representantes dos jovens, designados pelo movimento ou eleitos pelos demais jovens. E' interessante notar como muitos movimentos se transformam aos poucos em organizações. Exemplo típico são os *Albergues de juventude* na Europa e em outros continentes.

MOVIMENTO DE JUVENTUDE E EDUCAÇÃO

Há vários outros pontos sobre a dinâmica interna dos movimentos juvenis que ignoramos neste artigo, esperando poder voltar a eles em outra ocasião, para tratá-lo de maneira mais completa. Abordemos agora unicamente a função do educador e de sua presença em movimento de juventude.

Quem trabalha com a juventude em instituições educacionais não pode considerar os movimentos de juventude e outros meios educativos assistemáticos algo *à margem* da educação, mas sim, como elementos indispensáveis nessa mesma educação global.

Logo, surge a questão: qual o papel do educador nos movimentos?

A função do educador adulto será sempre a de animador ou assessor dos movimentos juvenis. Em certos casos, e isto acontece com frequência, o adulto será o seu fundador e o iniciador, tendo o cuidado, em seguida, de deixar aos jovens a tarefa primordial de forjar a estrutura e decidir dos objetivos do movimento. Muitos movimentos nascem mortos justamente porque, muitas vezes, o adulto não compreende sua posição dentro da dinâmica destas organizações e ultrapassa os limites necessários, quer na organização, quer na tomada de decisões, invadindo o terreno da competência exclusiva dos jovens.

Uma pedagogia, baseada em forte disciplina, e um certo paternalismo, por vezes exagerado, pode ser *muito eficiente*, não há dúvida nenhuma, dentro de uma sala de aula ou um colégio, mas transforma-se em sério empecílio para um assessor de movimento de juventude. Não basta ser um professor capacitado e simpático aos jovens para, *ipso facto*, ser um bom dirigente juvenil. Pode mesmo acontecer que o melhor dirigente não seja eficiente na direção duma classe de colégio.

As relações entre um adulto e os membros de um grupo ou movimento não são como as do professor com os alunos, numa escola, ou como do chefe de secção com os operários, numa fábrica, nem as de um pai com os filhos, numa família. São relações fundamentalmente diferentes, de índole inteiramente voluntária. Por não adotar a relação indicada, contentando-se em transportar as de outro meio, fracassam muitos dirigentes de movimentos juvenis.

O animador ou assessor é a pessoa capacitada para estabelecer dentro do grupo relações que facilitam atingir o objetivo que o grupo julga conveniente. É um papel catalizador. Um jovem explicou assim: "Não queremos que o adulto faça nada no movimento, mas desejamos que esteja presente enquanto trabalhamos",

Há uma diferença fundamental de comportamento entre o adulto assessor e o jovem líder do movimento.

A ação educativa do adulto junto ao movimento consistirá sobretudo no seguinte:

■ Criar organismos de serviço à juventude. Trata-se de dar a eles a oportunidade de utilizarem seu tempo livre, como também de atender suas necessidades no campo da cultura, do social e do religioso. Estes serviços são indispensáveis para que a juventude possa se desenvolver plenamente. Ajudaremos enormemente à juventude oferecendo-lhe ambiente propício para suas atividades. Estes organismos podem ser dirigidos por adultos, ou por adultos e jovens. São comumente chamados *obras juvenis*. Devem apoiar e promover os movimentos de juventude. As praças de esporte dos colégios podem dar acolhida a jovens constituindo-se em verdadeiras *obras juvenis*.

■ Cooperar na formação de líderes juvenis que orientem e transformem a juventude; sua preparação exige uma pedagogia especializada e a organização de uma *escola de líderes*. Educadores que desejassem especializar-se neste setor tirariam grande proveito realizando o estágio de um ano ou mais na *Central de Juventude de Bogotá*. É uma organização única na América Latina e talvez no mundo, dedicando-se exclusivamente à formação de líderes juvenis em todos os setores e camadas da população colombiana e de países americanos de língua castelhana.

■ Assessorar movimentos de juventude. Esta tarefa exige que os educadores possuam preparação adequada.

■ Influir sobre outros adultos para interessá-los ou prepará-los no sentido de assessorarem os organismos e movimentos juvenis.



No Brasil existem centenas de organizações juvenis e movimentos de juventude de diversas modalidades, cores políticas e religião. Contudo não se pode afirmar que exista um movimento juvenil com estrutura pedagógica suficiente para dar unidade ao conjunto. O movimento estudantil talvez seja o que tenha maiores chances e potencialidade para chegar a isto, se lhe fôr dada oportunidade de se transformar realmente num movimento de juventude brasileira.

Necessitamos, em nível nacional, organizar um *centro* que eduque, sirva e represente a juventude.

Não se trata de uma organização que monopolize a direção das obras e demais movimentos juvenis existentes ou suprima sua autonomia, mas apenas lhe dê certa *unidade orgânica*. O perigo que existe atualmente no Brasil com o florescimento de um sem número de movimentos de juventude nos bairros, paróquias, colégios é a dispersão de forças. Fica-se incapacitado de uma tomada de posição quando o momento o exigir.

O movimento deve organizar-se em cada região de acordo com as necessidades em forma de grupos homogêneos ou não, havendo porém uma organização nacional para coordená-los.

Outro ponto primordial são as duas frentes de ação. O movimento de juventude deve trabalhar simultaneamente com a *elite* (no sentido de liderança e não de classe social) e com a massa. Ao mesmo tempo que promove a formação de líderes juvenis, dando-lhe uma mística de serviço e disponibilidade, movimenta a grande massa de jovens de acordo com os magnos interesses juvenis no campo social, cultural, religioso e esportivo.

É de suma importância compreender que movimento de juventude não é associação religiosa no estilo das *antigas* Cruzadas Eucarísticas, Congregações Marianas, etc.... Os movimentos tomam as formas mais variadas de acordo com os interesses manifestados pelos jovens. O interesse religioso está sempre latente no jovem, pelo menos na nossa sociedade de cultura cristã, e depende muitas vezes da habilidade do educador adulto para despertar-se e transformar-se em ação apostólica. Mas que não haja imposições.



O objetivo de um movimento de juventude não é o de cultivar vocações para determinado gênero de vida. Deve, sim, oferecer ambiente para despertar o jovem a um engajamento no caminho que o levará a servir melhor aos homens no mundo de hoje. Na Central de Juventude, em Bogotá, freqüentada semanalmente por dezenas e mesmo centenas de jovens, tem-se como norma estrita não fazer propaganda do sacerdócio ou da vocação religiosa. Fala-se muito de vida cristã, insiste-se na formação do apóstolo leigo, explica-se o que seja o estado sacerdotal ou do celibato quando os jovens perguntam, mas sem *fazer propaganda*. Há sempre grupos, de 10 a 15 jovens universitários que espontânea e livremente resolvem encontrar-se de quando em vez para estudarem juntos o problema da vocação sacerdotal ou religiosa sendo que vários deles pretendem engajar-se como cristãos numa dessas modalidades de serviço comunitário.

Estamos acostumados a ouvir, em festas de formatura ou ocasiões semelhantes, expressões surradas que apresentam a juventude como plasmadora da sociedade de amanhã, ou os jovens como a verde esperança e imagem da sociedade futura. Embora bonitas, tais expressões encobrem mentalidade totalmente defasada que pensa na educação como preparação para um futuro. Desconhece-se assim que a juventude é, hoje, uma força presente e decisiva na história. Prepararam-se os jovens para o amanhã fazendo-os assumir hoje o seu papel. René Mahieu, presidente da UNESCO, no Congresso Mundial da Juventude, em Grenoble, dizia: "Sim, mais e mais a juventude está chamada a se tornar a causa da História".

Decorrencia lógica desta presença da juventude no momento histórico, presença sobremaneira ativa e decisiva, é o poder social da juventude. A juventude apresenta-se como um grupo de pressão que rivaliza em importância com o exército, com os partidos, os sindicatos, as classes patronais e demais centros de decisão coletiva. A atual conjuntura prova esta afirmativa. E se pensarmos que toda esta imensa força que abala governos e sistemas políticos representa apenas uma ínfima minoria da juventude latino-americana engajada, o que será quando os quase 100 milhões de jovens latino-americanos se tornarem ativamente presentes na sociedade? Fechar os olhos ou reprimir as lideranças juvenis? Não. Formá-las para a ação construtiva.

Na atualidade é indispensável mostrar aos jovens motivos que os levem a se consagrarem à construção dum mundo mais justo, assim como ajudá-los a adquirir os conhecimentos necessários para a compreensão do mundo moderno, e por último, acostumá-los a refletir e a atuar coletiva e conscientemente.

¹ Nesta perspectiva há um ótimo livro de FURTER, Pierre, *Juventude e Tempo Presente*, Paz e Terra, Rio, 1967.

² FURTER, Pierre, *Educação e Vida*, Vozes, 1968, pp.69-84.

³ SEDOC, novembro de 1968, 693.

⁴ Autores mais avisados chamam insistentemente a atenção para este aspecto. Citemos apenas dois. Um americano: JERSILD, Artur T., *Psicologia da Adolescência*, SP, 1961. E um eminente pedagogo brasileiro: NERICI, Imideo, *Adolescência, o Drama de Uma Idade*, SP, 1967.

⁵ Quanto ao assunto de *mass media* em geral, há um livro esclarecedor, embora não oferecendo soluções mas apenas colocando o problema: MORIN, Edgar, *Cultura de Massas no Século XX*, Rio, 1967. Sobre sua incidência na adolescência em suas diversas formas temos: MARNY, Jacques, *Les Adolescents d'aujourd'hui*, (culture, loisirs, idoles, amour, religion...) Ed. du Centurion, Paris, 1965. — Sobre os efeitos trágicos desses *mass media* quando não criticados por uma formação adequada veja: GRUBER, Alois, *O Drama da Puberdade*, SP, 1966.

⁶ Caso se queira examinar o valor do método do ponto de vista da psicologia da juventude pode-se ler com proveito os argutos e fundamentados trabalhos de Jean PIAGET. Entre muitos permitam-me citar apenas: *Seis Estudos de Psicologia*, Forense, Rio, 1967. (A inteligência juvenil só amadurece formalmente em debates e ações grupais). Na página 149 encontrar-se-á completa bibliografia do autor.

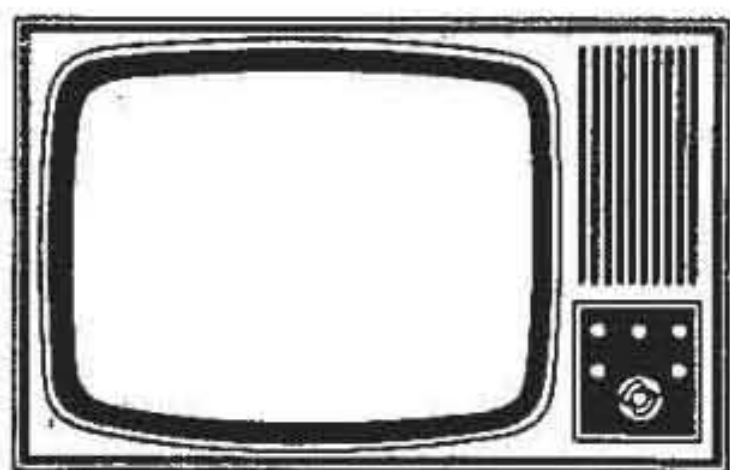
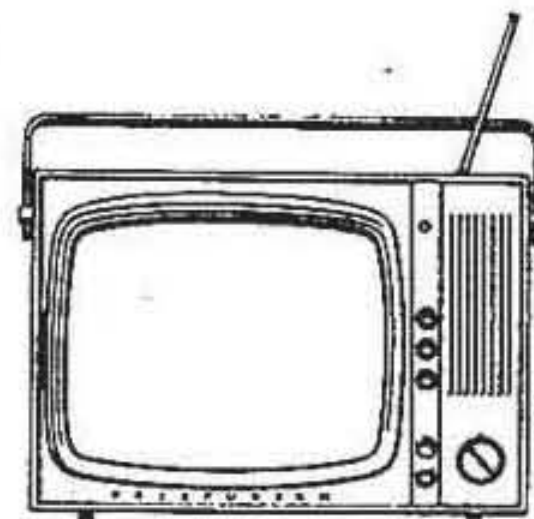
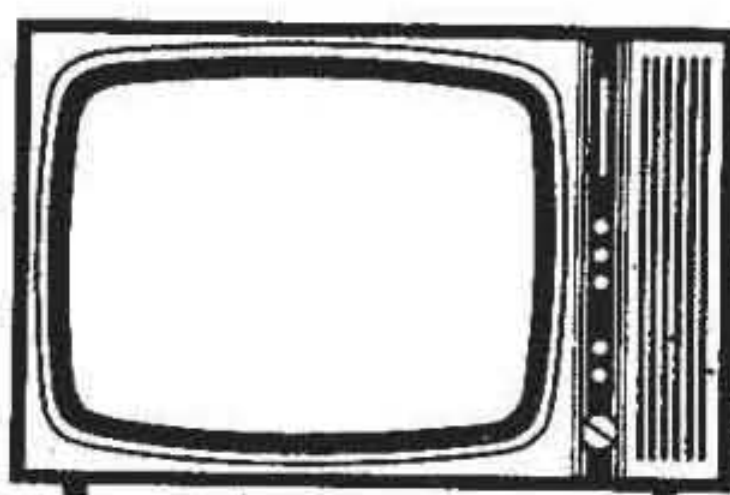
⁷ Sobre estes aspectos podemos sugerir estudos já publicados: VELA, Jesus Andrés, *Grupos de Juventude*, SP, 1968; Idem, *Dinâmica Psicológica de Grupos*, 2 vol., apostilas, SP, 1968; Idem, *La Educación Extraescolar de la Juventud en el Mundo Contemporáneo*, 1961; BRUGIDOU, J. P. e outros, *Pédagogie et Psychologie des Groupes*, Paris, 1966; CHIROQUE, S., *Movimento Estudantil Latino-americano*, rev. VOZES, set. 68; LIMA, Lauro de Oliveira, *O Impasse na Educação*, Vozes, 1968; VARAGNAC, outros, *Sociologia da Juventude*, III *Os Movimentos Juvenis*, Rio 1968, IV *A vida coletiva juvenil*.

Obs.: JOSÉ WALTER PEREIRA DOS SANTOS, *Movimento de Juventude*, julho de 1969; *Education Chrétienne dans un Monde Sécularisé. Le Cas Spécifique du Brésil*, Bruxelas, maio de 1969.

RENOVE AGORA
SUA ASSINATURA
DE

CONVERGÊNCIA

CONHEÇA A CBR:
EM JANEIRO UM
NÚMERO ESPECIAL



TELEFUNKEN

VOCÊ SABE

Está superado o tempo em que se perguntava se a televisão era um bem ou um mal. O que se pergunta agora é como tirar o maior proveito possível da TV. Critério para fazer um julgamento de valor é a contribuição que o instrumento traz no sentido da realização pessoal do telespectador. E no sentido da inserção consciente e responsável do indivíduo na coletividade.

Partindo do critério indicado, podem-se deduzir algumas atitudes práticas que levam a tirar proveito da televisão.

1. Ligar o televisor para ver programa concreto. Para isto é preciso conhecer a programação existente. A maioria dos jornais publica a programação televisiva. Existe também uma revista semanária dedicada exclusivamente à TV. Ligar o televisor a êsmo para ver qualquer coisa, é como abrir a porta da casa para que entre quem e o que quiser entrar.

2. Escolher os programas de maneira que respondam aos interesses da maioria das pessoas que dependem de um mesmo televisor. É um bom momento para se fazer em conjunto um juízo crítico do valor dos programas. A escolha dos programas pode servir para criar o diálogo na família ou na comunidade, colocando em debate os pontos críticos da vida em comum.

3. Evitar que a televisão possa interferir no andamento normal da família ou da coletividade. Ligar a televisão para que as crianças comam sem fazer bagunça, pode ser um método muito prático e eficiente. Mas provavelmente não é o melhor meio de as educar para uma fase mais adulta. Deixar o aparelho ligado para quem tiver acabado de comer voltar ao sofá, também não parece favorecer o crescimento orgânico e responsável da família ou da comunidade.

VER



ARTES E TÉCNICAS

4. Assistir sempre ao mesmo programa ou ao mesmo tipo de programação, não é provavelmente o melhor caminho. A diversificação alarga os conceitos, fortalece as convicções, amplia os conhecimentos, faz a vida mais dinâmica e leva a fugir do proselitismo.

5. Deixar o televisor ligado o dia todo enquanto se executam as tarefas no lar ou na comunidade, é um dos métodos mais eficientes para formar neuróticos e superficiais.

6. Levar visitas para a sala de televisão e procurar interessá-las no programa, é uma atitude anti-social, mal-educada e muito pouco original. Excluem-se, evidentemente, os casos em que as pessoas combinam encontrar-se para, concretamente, assistir a determinado programa.

7. A intensidade do som deve ficar sob controle para evitar incômodos aos vizinhos e às demais pessoas que estão em casa e não se interessam pelo programa sintonizado. O hábito que têm algumas estações de TV do Brasil de aumentar o volume quando transmitem publicidade, é um vício inqualificável (é hora de perguntar por que existem disposições federais determinando possibilidades de cassação e de confisco!).

TELEVISÃO?

8. Normalmente não se devem sacrificar outras atividades em função da TV. A televisão não pode substituir as conversas, as leituras, os passeios, as visitas, o teatro, o cinema, os atos de culto, o jantar, o banho e o sono.

9. Formar o hábito de debater programas de televisão. É ótima atitude para conservar a própria independência e liberdade.

10. Ter coragem de sintonizar o programa de preferência mesmo quando, no dia seguinte, todos os colegas de trabalho estiverem comentando o programa tido como obrigatório. No caso da televisão, a maioria pode ser um bom critério para a colocação da publicidade, mas nem sempre é critério para justificar a sintonia.

A ESCOLHA DOS PROGRAMAS PODE SERVIR PARA CRIAR O DIÁLOGO NA FAMÍLIA OU NA COMUNIDADE COLOCANDO EM DEBATE OS PONTOS CRÍTICOS DA VIDA EM COMUM.



Porque entra sem consulta em todos os lares, a televisão é objeto de análises desde quando surgiu. Discute-se ainda hoje se é preferível a TV estatal ou a TV comercial como existe no Brasil. Continua o debate sobre a finalidade da TV: se é essencialmente destinada ao divertimento ou se deve ser instrumento educativo. Enquanto as discussões continuam e enquanto os especialistas pesquisam, o telespectador não pode ficar desarmado. O fato é que o instrumento existe e está cada dia mais ao alcance de todos. No Brasil, dentro de poucos meses, mesmo as populações mais distantes dos grandes centros, terão o mundo jogado dentro da própria casa. É urgente dar ao homem indefeso, além do instrumento, os critérios mais eficientes e práticos que servem para fazer bom uso da inovação. A julgar por algumas revistas, ainda existem pessoas que proíbem aos católicos assistirem televisão. Essa atitude, tão sectária quanto rara, já não necessita de explicação. Mas como acontece com todas as coisas da vida, o homem precisa de um mínimo de condições para se defender. Defender-se não contra o uso mas contra o abuso. E a palavra abuso tem aqui um sentido muito complexo. Apresentar na televisão um concurso para descobrir o homem mais bonito, pode ser motivo de riso e de escárnio para a maioria dos telespectadores. Mas pode também, e muito facilmente, despertar ambições pouco recomendáveis no indefeso adolescente do interior (afinal por que não, se na cidade é assim?).

Aquêle que usa o instrumento chamado televisão, como e quando precisa, sabe assistir TV. Quem sacrifica aspectos importantes da sua vida em função da TV, precisa ser esclarecido. Afinal, se a humanidade é tão inteligente a ponto de colocar esta maravilha da técnica a serviço de todos, deve também encontrar meios para se defender contra os abusos. Mas este é um assunto tão complexo que preocupou inclusive os descobridores da energia atômica. Por isto, talvez, seja mais eficiente transformar os grandes critérios em princípios bem práticos de ação, para se poder amparar o telespectador desprotegido.



IGREJA NO MUNDO



CELAM PROMOVE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Dom Cândido Padin, OSB, presidente do DEC-CELAM (Departamento de Educação Católica — do CELAM) instalou em Santiago do Chile duas importantes organizações pastorais.

□ A primeira é a Secção de Planejamento do DEC-CELAM destinada a prestar uma ajuda mais efetiva à educação no continente latino-americano. Seu objetivo é trabalhar nas pesquisas e no assessoramento à planificação educacional e, como corolário, preparar pessoal da Igreja através de cursos de planejamento, especializados para o setor educacional. Sua sede em Santiago do Chile se beneficiará do intercâmbio com outras entidades ali localizadas: UNESCO, ILPES (Instituto Regional de Planificação Econômica e Social); ILADES (Instituto Latino-Americano de Doutrina e Estudos Sociais). A nova Secção do DEC estará sob a direção do Padre Miguel Cabello, SSCC, perito em planejamento educacional, que há um ano já vinha ali trabalhando. A sede dessa Secção é Alonzo

Ovalle 1546, 3º; Casilla 13.383 Correo 15. Santiago, Chile.

□ A segunda iniciativa é a instalação do I Curso de Planejamento Educacional, que veio preencher uma grande lacuna neste continente. O Curso pretende familiarizar os participantes com os conceitos, problemas e processos gerais do planejamento educacional em relação com o desenvolvimento econômico-social da América Latina e sobretudo capacitá-los, através da pesquisa e de modelos concretos, a enfrentar as situações reais do processo em seus países de origem.

O Curso está aberto a educadores católicos com experiência em administração escolar, destinados a atuar no planejamento da educação em nível nacional ou pelo menos regional das Conferências Episcopais ou das Congregações Religiosas. Este primeiro Curso conta com cerca de 30 alunos procedentes de nove países da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, Guate-

mala, México, Peru). Com um total de 240 horas, tem uma duração de cerca de três meses. Desenvolverá disciplinas de fundamentação teórica e exercícios práticos nas seguintes áreas de ensino:

- Introdução à sociologia da educação em relação ao planejamento e pastoral educacional. Mudança social latino-americana, educação como processo de socialização e de personalização; situação da pastoral educacional frente à pastoral de conjunto — são alguns tópicos mais longamente estudados;

- Introdução à economia, em seus aspectos gerais e em sua aplicação à educação;

- Introdução à estatística enquanto instrumento do planejamento educacional;

- Administração — princípios gerais de organização e recursos para a organização de uma unidade de planejamento em nível nacional;

- Técnicas de planejamento, compreendendo técnicas para o conhecimento e avaliação da realidade educacional; técnicas para a programação do desenvolvimento educacional em função dessa realidade sócio-cultural, e dos recursos humanos e financeiros disponíveis;

- Técnicas de dinâmica de grupo, possibilitando ao curso uma metodologia participada através de seminários, debates, visitas, pesquisa pessoal e em grupos de trabalho.

A sede do curso, por ora, é o *Centro de Estudos Pastorais da Arquidiocese — Calle Dieciocho, 146. Santiago, Chile.*

TAIZÉ: ENCONTROS INTERNACIONAIS DE JOVENS

Desde 1966 a Comunidade de Taizé vem organizando, para jovens, encontros internacionais que, tanto em sua forma como em seus temas, apresentam uma contínua evolução. Já em 1967, isto é, antes das manifestações estudantis européias de 1968, não se fazem ali mais palestras. Tudo se processa através do trabalho comunitário com o diálogo em pequenos grupos.

Neste ano houve cinco pequenos encontros. Cada um durou dez dias e se limitou a trezentos participantes. Houve também um grande encontro, durante quatro dias, o qual contou com a participação de mil e quinhentos jovens, rapazes e moças de 18 a 25 anos. O tema geral foi a esperança — *um desafio: esperar*.

Até agora, todos os encontros têm sido internacionais. Num deles, o grande encontro, fizeram-se representar — da Tchecoslováquia ao Vietnã, da Irlanda a Madagascar — mais

de trinta nacionalidades. E, em nenhuma das vezes, houve menos de dez nacionalidades diferentes. Ora, quando as pessoas se encontram assim, superando fronteiras nacionais e culturais, encontram também uma oportunidade de abrirem suas mentes para novos horizontes. Sem dúvida, o problema da comunicação existe, uma vez que a diversidade de línguas é um fato. Não obstante isso, existe também imaginação capaz de superar esta barreira: nas reuniões comuns é feita uma tradução simultânea em quatro ou cinco línguas.

Além das nacionalidades, o obstáculo da diversidade de religiões também está superado: os encontros são interconfessionais. Há católicos, ortodoxos e evangélicos, de vários ramos. Há ateus de diversas obediências e escolas de pensamento. Todos, porém, gozam da liberdade de exprimir sua opinião, com a ressalva de deixarem os outros dizerem o que pensam. Para os cristãos, isso constitui uma ocasião toda particular de refletir seriamente sobre a fé cristã, sobretudo quando interrogados por companheiros que não acreditam em Deus.

Para Taizé afluí uma juventude que apresenta os mais variados matizes: jovens barbudos, jovens hippies, jovens sistemáticos. Na maioria são estudantes. Moram em tendas — bela imagem da Igreja provisória, da Igreja que não quer se instalar! As reuniões comuns são feitas na Igreja da Reconciliação, único local onde todos cabem.

Durante os encontros não se faz palestra alguma. Ninguém impõe aos participantes um conteúdo definido. No entanto, tudo é cuidadosamente preparado, pois do contrário o provisório corre o risco de se tornar confusão é anarquia. Antes de cada encontro, há uma reunião de três dias com quarenta jovens já conhecidos da Comunidade de Taizé. Posteriormente, uma metade desse grupo fica encarregada de animar os vinte grupos de discussão no encontro de todos. A outra metade fica responsável pelo trabalho de cozinha, limpeza e manutenção da ordem necessária. No serviço da cozinha participam duas irmãs católicas da ordem de São Carlos.

Cada encontro perfaz três etapas:

- 1) quatro dias em comum para aprofundar o tema;
- 2) quatro dias sozinho, para um retiro individual, ou divididos pela região em grupos de três ou quatro;
- 3) dois dias, novamente, todos reunidos.

Assim é possível evitar-se o mero entusiasmo coletivo, sem renunciar às vantagens do estímulo mútuo.

Três vezes por dia, os jovens são convidados a participarem das orações comunitárias da Comunidade de Taizé. Aquela presença de quase dois mil jovens na Igreja causa impressão. Sem dúvida, uma parte deles constitui-se de não-conformistas. Todos, porém, prestam atenção e desejam profundamente a autenticidade espiritual e humana.

O tema é estudado e discutido em pequenos grupos.



R. SCHÜTZ, PRIOR DE TAIZÉ

Primeiro, após algum tempo de silêncio, cada um responde pessoalmente ao inquérito. Depois, uma vez que cada jovem teve oportunidade de dar sua opinião, parte-se para uma discussão livre sobre o assunto. Por fim, através de vários métodos de apresentação, é feito na reunião plenária um breve relatório.

Como exemplo das perguntas que são propostas à consideração dos jovens, vale a pena citar as seguintes:

- No decorrer do último ano, quais as esperanças (ou ilusões) que perdi? Quais os motivos de esperar que encontrei?
- Quais as dimensões da minha esperança?
- Que significa crer na vinda de Jesus, na ressurreição dos mortos e no julgamento final? (esta foi dirigida aos cristãos).
- A sociedade sem classes, como será? Será estática, com homens transformados? Quem não espera nada, vive e toma decisões em função do quê? (esta outra foi feita aos marxistas).

Neste ano, o ambiente dos encontros não foi como no ano passado. Houve menos exaltação, menos projetos entusiastas para mudar os homens e o mundo. Os jovens manifestaram uma certa gravidade, mesmo nas manifestações de contestação e alegria. A juventude européia ficou profundamente marcada pela invasão brutal da Tchecoslováquia. Embora já fôsse difícil sair de seu país, em cada encontro havia um grupo de tchecos. O problema foi colocado assim

por uma jovem: "Como lutar pela verdade e pela justiça, quando se precisa enfrentar tanques e metralhadoras? Como transformar uma sociedade, quando seus dirigentes se apóiam na força militar para impor sua dominação?"

Hoje, a Europa ocidental parece uma região privilegiada. Ali, todos podem exprimir livremente sua opinião, e lutar para realizá-la. Não existe guerra externa nem interna. O regime não é policial, e a situação material é boa. Contudo, os jovens europeus se perguntam como poderão exprimir sua solidariedade a todos aqueles que não gozam destes mesmos privilégios.

Falou-se muito em reciprocidade, especialmente com referência à América Latina. Como sair de um relacionamento unilateral, onde uns dão e impõem, enquanto outros recebem e agüentam? A pergunta vale não só para a economia e a política, mas também para as Igrejas. Foi lançada a idéia de convidar latino-americanos para virem evangelizar na Europa. Já houve até um gesto neste sentido: o grande encontro foi presidido por uma argentina, que veio especialmente à Europa para acompanhar os encontros.

A todos os participantes dos vários encontros foi lançado um convite pelo prior de Taizé: escrever a Taizé, até março de 1970, com sugestões dizendo como, concretamente, se pode fazer alguma coisa no plano do amor pela Igreja. Na busca da justiça e da paz. Se houver sugestões praticáveis, estas serão anunciadas na Páscoa de 1970. (Es-

crever à 71 — Taizé-Communauté, França).

Taizé é uma comunidade ecumênica integrada por setenta e cinco homens das várias Igrejas da Reforma e da Igreja Episcopaliana. Fora de Taizé, esta aldeia que fica ao norte de Lyon, na França, há irmãos vivendo em outros países. Atualmente, eles formam comunidades com os franciscanos, em Chicago (USA), e com os beneditinos, em Kigali (Rwanda) e em Recife (Rua São Bento, 44 — Olinda).

Desde 1940, Taizé vem trabalhando pela união dos cristãos.

CENTRO DE INTEGRAÇÃO PSICO-TEOLÓGICA

O Centro de Integração Psicoteológica de Belo Horizonte iniciará, no próximo ano, um curso de nove meses, que abrangerá as seguintes matérias: teologia, antropologia, ciências sociais e psicologia; incluirá também sessões de análise. O curso visa capacitar as pessoas para descobrirem e responderem às necessidades e exigências atuais. Os interessados poderão obter informações no Secretariado do Centro: Rua Grão-Mogol, 502, Belo Horizonte - Minas Gerais.

UM CURSO PARA JOVENS

O TLC (Treinamento de Liderança Cristã) é um movimento que visa a dinamizar jovens cristãos para uma vivência mais profunda e mais realista do cristianismo, levando-os, por sua vez, a dinamizarem outros grupos.

Essa dupla dinamização é feita em duas etapas:

□ A primeira consiste em um cursinho de dois dias, durante o qual os jovens têm uma experiência concreta de vivência comunitária e são ajudados por palestras de adultos, jovens e padres, a reafirmar (e em alguns casos a redescobrir) certos valores humanos e religiosos.

□ A partir desse cursinho, formam-se grupos (que deverão tornar-se comunidades). É a segunda etapa da dinamização, chamada de Pós-TLC. É a fase de sedimentação, de aprofundamento, de coesão do espírito comunitário e apostólico. Através de reuniões semanais, os jovens confrontam sua vida com a Palavra de Deus, num ambiente de contestação fraternal, procurando descobrir nos acontecimentos o apelo particular do Senhor.

Para ajudá-los a interpretar a Palavra de Deus no seu *hoje*, serão promovidos cursinhos para lhes dar noções sobre bíblia, teologia, pastoral, realidade brasileira e espiritualidade.

Cada comunidade, segundo sua realidade e solicitações, empreende uma tarefa apostólica, que ajuda os jovens a desenvolver a criatividade, o sentido de

Dom José Maria Pires, secretário nacional das vocações, fala aos participantes da Quarta Convenção dos Clubes Serra do Brasil.



responsabilidade e de serviço, e que vem ao encontro de suas aspirações após o cursinho de dois dias. Segundo seus depoimentos, eles descobrem o amor numa experiência concreta de vida em grupo, "o Cristo presente no outro", "um Deus próximo, amigo e íntimo". Descobrem a necessidade de compartilhar com outros a própria experiência, a responsabilidade de transformar o mundo pelo amor e pelo serviço. Todos estes testemunhos são cheios de esperança na construção de um mundo novo.

O TLC já foi realizado em várias cidades e em vários Estados: São Paulo, Paraná, Guanabara, Bahia, Pará.

QUARTA CONVENÇÃO DOS CLUBES SERRA

Realizou-se recentemente na cidade de Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro, a 4ª Convenção dos Serra Clubes do Brasil. Saudando os membros desta organização, Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, em cuja diocese reuniram-se neste ano, salien-

tava "seu companheirismo cristão, seu idealismo contagiante, sua organização atuante nos congressos". Estiveram presentes no encontro os Cardeais Dom Jaime de Barros Câmara, Dom Agnelo Rossi, Dom Eugênio Sales e Dom Vicente Scherer.

Entre os demais participantes da convenção, vale ainda ressaltar a presença de Dom Humberto Mozzoni (Núncio Apostólico no Brasil), Dom Alberto Gaudêncio Ramos (Arcebispo de Belém do Pará), Dom José Maria Pires (Secretário Nacional das Vocações), D. Aloísio Lorscheider (Secretário Geral da CNBB), e Dom José Gonçalves da Costa (Vigário Geral da Guanabara).

O programa desta 4ª Convenção incluiu cerimônias religiosas, almoços, jantares, palestras e círculos para o estudo dos temas escolhidos. O primeiro tema, "Fundamentação teológica para o serviço das vocações", foi exposto por Dom Cirilo Folck Gomes, beneditino; o segundo, "Aspectos humanos do Sacerdócio", esteve a cargo do Professor Cesar Ludovicus Baptista Valente; o terceiro, "Cooperação dos leigos na perseverança dos semi-

Dom Humberto Mozzoni



naristas e dos sacerdotes", foi desenvolvido pelo Vice-Reitor do Seminário Menor São José (GB), Padre Assis Lopes.

Este movimento mundial em favor das vocações, nascido em Chicago, só em 1963 foi introduzido no Brasil, e aqui desde então vem se esforçando por "indicar a todos os cristãos o dever de se dedicarem ao serviço das vocações; provar que o serviço das vocações é o coroamento de toda a atividade religiosa; testemunhar a importância da refeição-reunião, como elemento aglutinador dos sócios, ajudando-os a cimentar amizades; realizar tarefa indispensável à ação vocacional dos Bispos e Párocos que necessitam de um grupo de leigos cômico da importância do Sacerdócio, capaz no serviço das vocações e irmanado na amizade cristã; ser o sinal do amor que os leigos dedicam a todos quantos se-

guem sua vocação sacerdotal ou religiosa".

Embora o trabalho pelas vocações sacerdotais venha interessando de modo particular aos membros do Clube Serra, eles mesmos não desconhecem que, na linha do Vaticano II, "o incentivo das vocações sacerdotais é um dever de toda comunidade cristã". Aliás, é para isso que eles estão trabalhando e rezando.

UM COMPROMISSO E A EDUCAÇÃO DE BASE

A *educação de base* é hoje uma das maiores exigências da América Latina. Os bispos reunidos em Medellín apontam concretamente como tarefa da Igreja "atender, educar, evangelizar e promover as classes sociais marginalizadas". Examinando a resposta que as religiosas vêm dando às exigências desta tarefa, reuniu-se neste ano um grupo de trabalho integrado por religiosos, religiosas e leigos especialistas no assunto.

A educação de base desperta o homem para seus valores como pessoa e membro da comunidade, oferecendo-lhe as condições para resolver os problemas pessoais e comunitários. "Educar será, portanto, criar um homem novo, capaz de renovar-se permanentemente, um homem capaz de viver neste hoje-em-disparada, capaz de não se desintegrar num amanhã cada vez mais complexo e imprevisível. Hoje só vive e permanece vivo quem se coloca em estado de solidariedade. A educação não é obra de indivíduos mas de grupos. Os que têm olhos abertos para a realidade não conseguem mais viver pa-

drões fixos nem falsas possessões".

Durante o encontro, analisaram-se algumas experiências cujos resultados abrem amplas perspectivas.

1

Em Campinas, a experiência de trabalho comunitário realizado em um bairro daquela cidade, caracterizou-se por ensaios sucessivos de diferentes métodos de trabalho. Em cada nova fase da experiência buscava-se a superação das dificuldades anteriormente encontradas. Várias etapas foram então percorridas: trabalho com lideranças formais (sociedades de amigos do bairro), trabalho com todos os moradores, trabalho com grupos de trabalhadores, conjugação do trabalho com pequenos grupos e uma ação global em toda a comunidade.

Três orientações fundamentais nortearam a experiência: 1) conjugação entre teoria e prática, estudo e ação; 2) avaliação permanente dos erros e localização das dificuldades; 3) as técnicas serão reformuladas sempre que as avaliações e o estudo o exigirem.

O CECOSNE (Centro Educativo de Comunicações Sociais do Nordeste) surgiu da necessidade de reorganizar o Secretariado Regional de Opinião Pública da CNBB e dar início a um departamento de comunicação social da CRB, partindo de uma inserção na própria Universidade. As condições de existência para este Centro foram oferecidas pela CNBB, pela CRB e pela Faculdade de Filosofia do Recife.

As primeiras experiências realizaram-se em cursos e assessoramento a profissionais de rádio. O trabalho educacional do CECOSNE é tipo laboratório, e busca novas formas de educação para o desenvolvimento através dos meios de comunicação social.

As experiências iniciadas ultimamente estão ligadas ao trabalho da *Operação Esperança* (promoção de pessoal de zona suburbana), ao trabalho de educação de cooperativismo da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e ao trabalho de preparação do pessoal da zona rural para a reforma agrária do GERAN (Grupo de Estudos da Reforma Agrária do Nordeste).

Nos círculos de estudo do grupo de trabalho surgiu, com referência às religiosas, a seguinte questão: até que ponto devem ou podem elas inserir-se na comunidade local? Que critério deverão adotar?

O grupo encarou o problema da inserção das religiosas como exigência de amor, exigência do compromisso de solidariedade com os destinos da comunidade

local. Julgou também que o modo de inserção nesta comunidade vai depender do lugar, do grupo de religiosas e da comunidade em que pretendem inserir-se. A partir daí foram tiradas as seguintes conclusões: trabalhar sempre com grupos homogêneos; trabalhar sobre base científica; evitar uma metodologia que procura impor hábitos; organizar os trabalhos partindo das necessidades sentidas pelo povo; ao caracterizar suas resistências, respeitar seus níveis de mobilização e consciência; fazer o estudo da realidade com a própria comunidade; discutir com ela as possíveis soluções para os problemas; utilizar-se de recursos audiovisuais nas reuniões e levantamentos.

Ao final do encontro, foi sugerido particularmente para as religiosas uma assessoria do MEB (Movimento de Educação de Base) e no aspecto de treinamento o aprendizado de técnicas, tais como: análise social, psicologia da aprendizagem, dinâmica de grupo, comunicação social, técnicas de pesquisa, etc.

OS ESCOTEIROS

pela equipe do Clã João XXIII, de Petrópolis, sob a orientação de Frei Edgar München, O.F.M., assistente nacional dos escoteiros.



EXPERIÊNCIA



A dificuldade ou quase impossibilidade de um diálogo cordial entre pais e filhos, entre jovens e adultos, constitui hoje a grande preocupação de muita gente. O dinamismo jovem exige um sentido, busca uma orientação, mas ao mesmo tempo não suporta o dirigismo.

Assim, quem deseja entender um pouco melhor a juventude e colaborar mais eficazmente com ela no processo de seu desenvolvimento sente-se levado a olhar um pouco mais fundo a realidade em que os jovens se situam. Em poucas palavras, quem se preocupa com os jovens, se é sincero, acaba sempre perguntando: o que é que há com nosso velho mundo?

NOSSO MUNDO, OS JOVENS E OS FUTUROS JOVENS

Caminhamos a passos largos. As estradas são novas. O progresso em todos os setores da vida e do mundo é evidente. Entretanto, há dúvidas. E muitas pessoas já perguntam por novos horizontes. As ciências conquistaram lugar proeminente na formação do pensamento moderno. A técnica possibilita espetaculares momentos de exatidão. O espírito crítico põe em dúvida valores outrora intocáveis. Muita coisa é simplesmente jogada para fora do caminho. E muita coisa ainda é procurada. A mentalidade científica cria modos

diferentes de pensar. O pensamento de hoje é rápido e frio. É seguro, é inseguro, e sempre busca ser livre e corajoso. O progresso das ciências biológicas, psicológicas, e sociais possibilita ao homem um conhecimento melhor de si mesmo e uma influência mais profunda na sociedade. Estas novas condições influem no relacionamento com Deus. De um lado, o espírito crítico purifica a religião, libertando-a de concepções mágicas e supersticiosas. De outro, pode conduzir ao ateísmo e favorecer o indiferentismo.

Dentro desse contexto, surgem questões difíceis e até alarmantes:

- Que valores proporemos a esta geração que nasce?
- Qual o método de maior segurança para a educação do jovem atual?
- Enfim, para onde caminhamos? Tudo parece tão mudado e confuso...

De fato, o jovem de hoje procura engajar-se mais e se mostra mais conscientizado. Torna-se dia a dia mais necessário conhecê-lo. Aliás, reconhecê-lo. Reconhecê-lo em suas aspirações e limitações. Com efeito, é possível que ele seja portador de um ideal já esquecido pelos adultos...

Se esta é a conclusão, quando encaramos o mundo jovem, que ainda se liga de algum modo à geração anterior, que dizer das crianças e dos adolescentes de hoje e de amanhã? Uma certa inquietação, uma busca mais radical, um avanço mais profundo e extenso vão-se avultando na mente dos adolescentes de hoje. Sem dúvida, é uma adolescência menos revoltada, mas suas aspirações são distintas e características. Ora, a nós, homens de hoje, compete-nos a difícil tarefa de oferecer a estes adolescentes e futuros adolescentes os meios e caminhos através dos quais, na autêntica liberdade, eles poderão se desenvolver plenamente.



ESCOTISMO COMO MÉTODO EDUCATIVO

A pedagogia moderna insiste cada vez mais na função decisiva do método. O problema da educação não se limita exclusivamente ao conteúdo. Há hoje uma crescente onda de cursos de dinâmica de grupo e treinamento de liderança como fator preponderante para a eficiente organização e funcionamento de grupos, sobretudo no campo da aprendizagem. Este sistema parece ser uma recente descoberta. Todavia, ele já vem funcionando no escotismo desde sua fundação. Escoteiros são garotos e rapazes que dia a dia vão tomando consciência de sua pessoa e de seu papel na sociedade da qual fazem parte.

Não nos propomos como modelos infalíveis e definitivos, mas acreditamos na eficiência do método escoteiro capaz de plasmar o caráter e a personalidade de nossos jovens. Baden Powell desenvolveu seu método usando sua experiência na preparação de jovens soldados como *escoteiros* do Exército na Índia e África. Durante esse longo trabalho, ele havia sentido a maior necessidade de homens com qualidades de caráter, de iniciativa, de autodomínio, e nos quais pudesse confiar. As lições que a experiência ensinou a Baden Powell neste sentido, ele as aplicou depois no treinamento de jovens e garotos.

FRENTE A FRENTE COM A REALIDADE

Uma das preocupações fundamentais do movimento escoteiro é a de levar o jovem a uma opção consciente e amadurecida diante de Deus e dos homens. A promessa e a lei do escoteiro, bem como a boa ação diária traduzem em termos claros este esforço.

Concretamente, a linha de ação traçada pelo próprio Baden Powell leva o jovem a se defrontar com o meio maravilhoso da natu-



OS ESCOTEIROS

reza. Em contato direto com as coisas, — as plantas, os animais, os dias e as noites, os rios, o mar e as chuvas, — o jovem é levado a descobrir o mundo que nasce da amizade profunda de Deus para com os homens. E daí, frente a horizontes abertos, ele aprende também os valores da inteligência, da ordem, da disciplina, da lealdade e do amor autêntico.

Nesta base, integrando-se na sociedade, o escoteiro será um homem consciente, possuirá os valores de que todos os tempos precisam, e suas atitudes terão raízes mais profundas, porquanto brotarão do Deus que ele descobriu frente a frente com a realidade.

Assim entende-se a importância fundamental daquele elemento que está sintetizado no seguinte princípio: "Todo escoteiro deve possuir uma religião e cumprir seus deveres para com Deus".

UM POR TODOS, TODOS POR UM

A chave do método escoteiro é o sistema de patrulhas. Este sistema caracteriza essencialmente o treinamento escoteiro, de modo mesmo a distinguir o escotismo de todas as outras organizações.

A patrulha compõe-se de seis a oito garotos ou rapazes liderados por um monitor. Ela é uma unidade da tropa, a qual se forma de quatro patrulhas. No escotismo, esta unidade constitui o pivô, tanto nas atividades de campo — acampamentos, pioneirias (construção de objetos e engenhos úteis), competições, funcionamento da cozinha, jornadas, etc. — como nas atividades de sede — o adestramento técnico e especialmente o adestramento intelectual.

Baden Powell dizia que a reunião de rapazes em pequenos grupos permanentes, sob a liderança de um do próprio grupo, "é sua natural organização, seja para fazerem travessuras, seja para divertimento". Assim formada, a patrulha é suficientemente pequena e, por isso mesmo, possibilita a cada membro sentir-se participante, sentir-se como "um da turma". Nela, cada elemento é considerado individualmente responsável por todas as atividades. Ora, este fato de uma atuação definida resulta obviamente em sucesso do conjunto.

Estamos cada vez mais convencidos de que a confiança e a responsabilidade depositadas no jovem é um importante fator para o desenvolvimento de seu caráter. A simples indicação de um monitor como dirigente responsável por uma patrulha já é, por si só, um grande passo neste sentido. Ao monitor cabe o papel de liderança. Seu dever é criar, dentro do grupo, um espírito de equipe capaz de encaminhar os escoteiros no sentido da dedicação, do autodomínio, da cooperação e da boa camaradagem.

Um dos princípios básicos do método escoteiro é o de "aprender fazendo". Com isso, quer-se evitar todas as formas de paternalismo, e alertar os garotos e rapazes para a importância da iniciativa própria, da criatividade pessoal, da confiança em si mesmo e da coragem de enfrentar os obstáculos. Assim, é melhor o jovem construir uma obra tosca com as próprias mãos do que uma obra perfeita com o auxílio do chefe. Responsáveis por suas atitudes, confiantes em si e dinamizados pelo trabalho, os jovens deverão andar com os próprios pés.

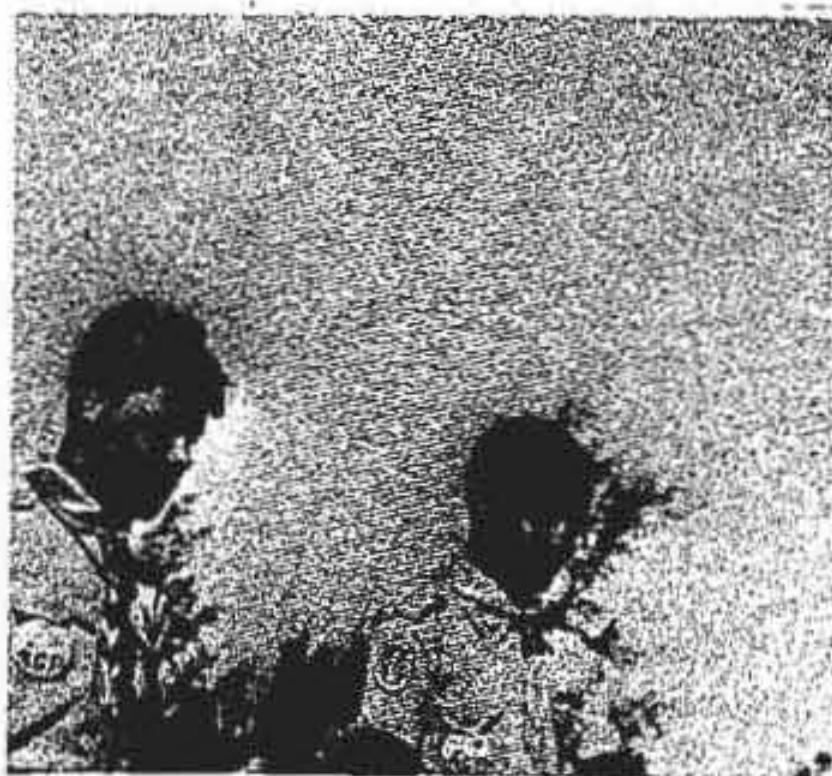
A lealdade é outro elemento essencial. Ela é que estreita os laços de união entre os componentes da tropa, dando ao grupo o verdadeiro espírito de família. Tendo-a como base, os escoteiros discutem e decidem os meios de aumentar sua eficiência, aprendendo em concreto a arte de viver comunitariamente, a arte de viver o princípio que diz assim: "Um por todos, todos por um".

CÔRTE DE HONRA

A *côrte de honra* é o órgão mais importante da tropa. Ela se constitui dos monitores e sub-monitores, debaixo da orientação do chefe escoteiro. Na perspectiva de método em que estamos fazendo a análise, este órgão tem uma grande importância, pois visa decidir e resolver as questões da tropa, de natureza administrativa ou disciplinar. Esta oportunidade permite que os rapazes convivam dentro de um clima democrático, desenvolvendo o senso da própria dignidade e idéias liberais, simultaneamente com a noção de responsabilidade e respeito à autoridade. Essa forma de *côrte* contribui para o amadurecimento de seus componentes, quando estes procuram resolver os seus próprios problemas.

O PAPEL DO CHEFE

O bom resultado do método escoteiro depende muito do modo como o chefe o aplica. Por isso é indispensável que ele o conheça profundamente e saiba com exatidão qual é o seu papel pessoal na grande tarefa de levar os rapazes a um pleno desenvolvimento. O chefe é considerado um "irmão mais velho" dos escoteiros. Para tanto não precisa ser um super-homem. Basta que possua uma mentalidade jovial e saiba, com toda habilidade, viver entrosado com os rapazes. Deverá ele também compreender as necessidades, aspirações e desejos correspondentes às diversas idades dos jovens. O seu agir é mais indireto com respeito à patrulha, porque sempre que possível ele atua mediante seus monitores, procurando valorizá-los e promovê-los através da confiança e da responsabilidade neles depositadas. O chefe age, também e sobretudo, mais sobre cada jovem individualmente do que sobre o conjunto da tropa escoteira. O chefe, nas atividades de campo ou de sede, procura dar os princípios básicos e deixar que os rapazes se eduquem. Sua função é a de *acompanhar* o desenvolvimento do grupo, em conjunto, e de cada rapaz, em particular.



NADA DE MASSIFICAR

Baden Powell foi vigoroso inimigo de todos os métodos de treinamento em massa. Neste sentido ele recomendou pouco uso de *ordem unida* no adestramento dos rapazes. Em *Scouting for Boys*, Baden Powell escreveu: "A *ordem unida* tende a destruir a individualidade, ao passo que nós queremos desenvolver, nos escoteiros, o caráter de cada indivíduo. A *ordem unida* priva da iniciativa própria e tira a vivacidade". Em não ser um método de massa está justamente o valor decisivo do método escoteiro.

Como dizíamos antes, não nos propomos como modelos infalíveis e definitivos, mas acreditamos que o método do escotismo tem sua grande eficiência na formação do caráter e da personalidade dos rapazes, e por estes é tão bem aceito porque lhes dá a responsabilidade de se auto-educarem, dentro de uma realidade sadia e de um ambiente que proporciona a iniciativa própria, o espírito criativo, o autodomínio.

Sem dúvida, o escotismo venceu com êxito a prova do tempo e do espaço. Continua crescendo depois de haver cumprido sessenta anos desde sua fundação. Continua interessando, quando é bem aplicado, aos jovens de todas as nações, credos religiosos, classes e níveis econômicos. Isto se deve indubitavelmente ao fato de que este método de educação extra-escolar tende à formação integral do jovem, utilizando práticas que lhe são características.

Se tivermos a coragem de oferecer aos jovens esta oportunidade de se auto-educarem temos certeza de que saberão enfrentar com pés firmes e retidão de caráter as crises de nossa época, descobrindo por si mesmos o caminho em meio a essa aparente confusão de valores.



O QUE ÊLES PENSAM DOS FUTUROS PADRES E RELIGIOSOS

Quem são os jovens que nesse momento da Igreja estão optando pelo sacerdócio e pela vida religiosa? Como se apresentam aqueles com os quais vivem dia a dia?

O que segue é o resultado das observações de diferentes religiosos e de padres professores em seminários. Não esgota o assunto. Deixa de fora muitas perguntas e talvez também muitas respostas. Todavia, traz o peso da realidade, uma vez que resulta de contactos diretos e vitais.

QUEM DEVERÁ MUDAR: OS JOVENS OU NÓS? OU NÓS E OS JOVENS?

Como o sacerdote professor vê os jovens que se preparam para a vida sacerdotal?

1. Uma questão como esta não pode ser respondida de modo genérico. Há trinta anos atrás poderíamos aplicar a mesma definição a todos os jovens que se preparavam para a vida sacerdotal. Os seminaristas eram conduzidos ao seminário, onde todos deviam afinar suas vidas segundo o mesmo diapasão. Quem não pudesse acompanhar a cadência geral, não tinha vocação. E ninguém se questionava, pois os professores e educadores tinham a consciência tranqüila: "a forma para se fazer um padre era aquela". Isto valia tanto para a América, quanto para os outros continentes. Os resultados obtidos na época eram, sinceramente, bastante animadores, "pois havia padres". Os tempos no entanto mudaram. Houve uma guerra mundial que a tudo arrasou. Houve um Concílio que colocou toda a Igreja em reflexão. E hoje o nosso mundo é outro. Um redemoinho onde os testemunhos de amor e santidade se chocam e se confundem com os desvarios das negações mais arrasadoras. Questiona-se tudo. As menores e as maiores verdades passam pelo crivo da dúvida: a família, a autoridade, a instituição, o amor. E os nossos jovens nasceram hoje; são filhos deste ambiente.

Se no passado houve tensão entre gerações, hoje esta se agravou. Nós, professores, sentimos a necessidade de nos comunicar com estes seminaristas e transmitir-lhes os valores contidos na Revelação: a Igreja fundada por Cristo e tudo que isto implica para a fé e a moral do homem. Estes valores — e entre eles o sacerdócio como nós o vivemos — fazem parte de nossa vida. O jovem que nos ouve tem, — não podemos duvidar, — boa vontade, e quer ser cristão, quer ser sacerdote. Entretanto, aumentando a barreira natural entre as gerações, um outro problema se avoluma: o jovem seminarista é tributário de seu tempo, de uma geração que a tudo questiona; e por isso, não obstante crer questiona a fé; não obstante rezar, questiona o valor da oração; não obstante exigir uma orientação, opõe-se a estruturas de autoridade e hierarquia; não obstante querer ser padre, pergunta se vale a pena ser padre como seus professores e outros o são. Para uns, este comportamento dos jovens é alarmante. Para outros, contraditório. Para a maioria, apresenta-se natural. Alarmante, porque ao professor de dogma, moral ou exegese, são feitas perguntas que um racionalista poderia também fazer. Contraditório, porque no momento em que menos esperamos, quando temos tudo para concluir pela falta de valores cristãos e sacerdotais básicos, este mesmo jovens nos surpreendem com testemu-

nhos de grande fé, de compreensão, de diálogo, de responsabilidade e algumas vezes, — por que não dizê-lo? — de heroísmo.

Dentro dêsse quadro, o comportamento do jovem de hoje é natural, mesmo naqueles que caminham para o sacerdócio. Nós, adultos, não podemos frear a marcha da história. O que nos resta é acompanhá-la e orientá-la. Os jovens crêem em Cristo, na vida da Igreja, na vida sacerdotal, na felicidade, no amor. O que certamente eles não aceitam são os nossos testemunhos de fé, de vida eclesial e sacerdotal. Será isto inteiramente negativo? Quem deverá mudar mais: os jovens ou nós? Ou nós e os jovens?

2. Algo de muito profundo parece mudado na atitude do jovem que se aproxima do sacerdócio.

As incertezas que se apresentavam na educação clássica do seminário quase sempre se referiam ou a coisas acidentais (modo, tempo, lugar e *status* que o futuro sacerdote queria adquirir) ou a dúvidas quanto à adequação das forças e talentos do candidato frente às exigências bastante delimitadas da tarefa sacerdotal. O mōço conhecia aquilo que o esperava. Sentia a presença dos mestres. E nesta presença, uma grande segurança, porquanto também os mestres sabiam como prepará-lo para aquêle futuro já definido. O crescimento era uma linha firme em direção de uma vida eclesiástica perfeitamente estável.

E' claro que isso não acontece mais. A Igreja, e nós com ela, estamos nos transformando. O candidato ao sacerdócio não encontra mestres inteiramente seguros de si, nem tarefas eclesiásticas detalhadamente claras. Ele não se prepara mais para pertencer a uma classe e a própria imagem de sua futura posição dentro da Igreja tornou-se flutuante e vaga.

Enganar-se-ia quem visse nesta situação um sintoma de declínio. Ao contrário, o Povo de Deus é que ficou consciente de sua própria movimentação. O fato de querermos, por exemplo, um piloto, um maquinista, e não um mordomo, é pior ou melhor, quando nos descobrimos dentro de um navio e não dentro de uma casa? Atualmente, um dos traços mais animadores nos candidatos ao sacerdócio é que eles se comportam não como quem vai assumir um *pōsto*, mas como quem vai participar de um empreendimento que tem o feitio de construção ou descoberta.

As formas curiosas que tomam, às vezes, os centros de formação resultam desta mudança de perspectiva. A própria realidade do mundo torna-se importante para o candidato, *agora* e não para daqui a doze anos. A consequência disso é a seguinte: valoriza-se muito menos uma habilitação fixa e deli-

neada, embora deixando a impressão de instabilidade e versatilidade.

Grande parte dos que são mestres atualmente possui ainda tōda uma formação em que as dúvidas eram teóricas, a verdade e as normas eram expressas em moldes extremamente objetivos, e a autenticidade era, antes de tudo, uma adaptação a moldes e padrões. Portanto, não é de admirar que, para muitos, as tentativas no sentido de um sacerdócio contemporâneo apareçam como bizarras e incoerentes.

Como os Religiosos vêem os jovens que se aproximam da Vida Religiosa?

1. Os jovens ainda buscam a Vida Religiosa. Não mais em grandes turmas. Não mais com aquela antiga regularidade. Não mais com docilidade. Um estilo de vida preestabelecido não os atrai. Mas ainda vêm chegando.

Nota-se uma diferença bastante acentuada entre os candidatos procedentes do interior e os candidatos que residem nos grandes centros. Estes últimos estão acostumados à vibração da vida moderna. Entre uns e outros, não é impossível encontrar jovens que ainda parecem sonhar com os tempos em que a Vida Religiosa era uma fortaleza e a maior tarefa do religioso consistia em moldar sua



personalidade a uma figura preestabelecida. A maioria, porém, pertence decididamente a seu tempo. Já não conhece mais a relativa estabilidade de idéias e normas que foi o clima normal de gerações anteriores. Mesmo os religiosos ou religiosas formados (talvez mais que os jovens) sentem o tremer das fundações religiosas de suas vidas e opções.

Por isso, são poucos os religiosos que encaram hoje a aproximação dos novos como se fôsse um simples continuar de sua própria maneira de viver. Está parecendo cada vez mais viável que os jovens conquistem um modo próprio e adaptado de ser religioso. Muito mais que um carisma uniformizado sente-se um brotar de carismas pessoais, que podem se unir mas que não querem perder aquilo que os caracteriza como um sinal preciso de Deus.

Sem dúvida, para o religioso já formado (será que existe?), um olhar dirigido a seus companheiros recém-chegados pode gerar espanto e confusão. Todavia, cumpre confessar que grandes grupos de religiosos já de meia idade sentem tanto, ou às vezes mais que muitos jovens, a atração da viagem de descoberta que a Vida Religiosa está iniciando em nosso tempo. É de estranhar que alguns se vejam frustrados ou entristecidos quando experimentam que muitíssimas coisas que foram ensinadas como sendo básicas e essenciais perderam sua cor e sonoridade para a nova geração? Evidentemente não, mas começa a aparecer claro todo o impulso de vitalidade que deixou de acentuar a segurança individual quanto à vida futura para caminhar corajosamente na direção dos homens. O medo de um novo caminho é que frequentemente faz tremer o religioso diante do avanço dos jovens. Mas a largueza e a naturalidade do impulso, a dedicação aos outros é que faz confiar no bom êxito.

2. Vem diminuindo a presença de jovens na Vida Religiosa. Basta olhar os noviciados vazios ou quase vazios. Entretanto, para só ficarmos no caso do Brasil, as estatísticas mostram que quase 50% dos brasileiros estão abaixo dos vinte anos. Assim, a conclusão é óbvia: o número menor de *jovens religiosas* não pode ser por falta de *jovens*.

Mas se não é por isso, qual será a causa?

1. O estilo de vida que ainda hoje vem sendo observado em muitas casas religiosas sofre as consequências daquele tipo de família em que a posição da mulher era minorizada pelo tutelismo paterno e pelas coibições

ambientais. Ora, o resultado disso é um fixismo que simplesmente reedita aquele tutelismo atávico tanto da autoridade interna quanto da autoridade externa (masculina ou feminina). E nestas circunstâncias, codificada em seus mínimos detalhes, a vida da religiosa só pode oferecer às gerações mais moças a triste imagem da ausência de vida.

2. Junta-se a isso o exemplo que certas religiosas oferecem de suas próprias vidas: mal conseguem elas disfarçar a irrealização, o desânimo, a decepção em que vivem. E tal estado de coisas é provocado normalmente pela dupla falta de uma autêntica teologia da Vida Religiosa e de uma opção consciente e responsável. Por conseguinte, religiosos que vivem desta forma só podem fazer triste figura e poucos terão ânimo para segui-los. Conseqüentemente, é também fácil de compreender, nêles, a falta de abertura para os valores e problemas dos jovens que os procuram.

3. Diante desse espectro de claros e escuros, a jovem traz também suas limitações: a emancipação descontrolada e a indecisão que caracteriza todo aquele que se prepara para entrar na vida adulta (a jovem procura segurança, e não encontrando volta atrás).

Por isso, a jovem de hoje, em particular no ambiente urbano, sempre termina por se recusar à Vida Religiosa, já desprestigiada pelo fixismo e pela falta de abertura. Ora, certamente a culpa maior só pode ser nossa.

Apesar de tudo, porém, existe na juventude atual uma procura de sentido para a vida. E a Vida Religiosa vem sendo inegavelmente uma das opções. Mais ainda, sob muitos aspectos ela está sendo mais procurada hoje que no passado. Em congregações masculinas, onde há religiosos-padres, muitos manifestam desejo de se consagrar à Vida Religiosa na medida exatamente em que esta constitui um processo de renovação corajosa e evangélica. Assim, não tenho dúvidas sobre a permanência da Vida Religiosa como valor evangélico, e sei que os jovens e as jovens hão de procurá-la sempre.

ESTUDOS TEOLÓGICOS

Edições Loyola, iniciando uma série de publicações teológicas, acabam de lançar uma obra útil e atual para quantos se interessam pelo destino dos estudos teológicos na Igreja: *Estudos Teológicos; Análise crítica; Renovação. Perspectivas. Pesquisa séria e exaustiva, oferece quadro completo da situação atual do problema.*

Analisando a ampla bibliografia de artigos e livros, o teólogo Pe. João Libânio, SJ, põe em relêvo, com clareza e precisão, os pontos mais criticados na apresentação da Filosofia e Teologia e as sugestões de renovação oferecidas até o presente.

A obra torna-se imprescindível para o conhecimento adequado e a avaliação objetiva e serena da situação atual da problemática do ensino da Filosofia e Teologia. Ela é um instrumento indispensável para quem está engajado em tal trabalho. O autor trabalhou com a bibliografia de línguas alemã, francesa, inglesa, holandesa, italiana, espanhola e portuguesa. A obra tem a grande vantagem de dar uma visão mais completa das publicações em língua alemã, que, em geral, são de mais difícil acesso aos leitores. Além disso, apresenta uma vasta e ordenada bibliografia, que pode ajudar a outros em ulteriores trabalhos.

Para o mercado europeu, a Casa Editora Queriniana, Itália, lançará em breve na Europa a tradução da obra numa coleção de renome: *Giornale di Teologia*.

O autor apresentou esta sua pesquisa na Universidade Gregoriana de Roma, obtendo assim o grau de doutor em Teologia. Estava credenciado para realizar tal obra, devido à sua longa experiência neste ramo. Além de ter feito estudos em diferentes países da Europa: Espanha, França, Alemanha e Itália, foi, durante 4 anos, Diretor de Estudos do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma. Une a um amplo conhecimento das obras publicadas sua experiência prática na direção de estudos.

O livro *Estudos Teológicos* tem 427 páginas, do formato 23,5x16 em papel offset, 25 g de 1°. O preço estipulado é de NCr\$ 20,00. Os pedidos sejam dirigidos às:

Edições Loyola
Caixa Postal 1811
BELO HORIZONTE, MG
ou
Edições Loyola
Caixa Postal 12.958
SÃO PAULO — Capital



ESTANTE DE LIVROS

NOVOS CAMINHOS DE EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE

Tem a humanidade uma vocação comum? Caminha o mundo anárquicamente? Ou em movimentos convergentes se encaminha para uma meta feliz?

Dentro da grande marcha universal, onde é que se situa a nossa marcha pessoal? Como descobrir, a partir da vocação global da humanidade, o sentido da vocação pessoal de cada um?

Essas questões angustiam profundamente o mundo contemporâneo.

A problemática em torno da História Universal e da História Pessoal provoca a pororoca da contestação e toda essa maré que se cinde em opções pessoais e coletivas, indo da reação até a revolução.

E qual é o sentido do mistério de Cristo dentro de tudo isso?

A juventude, cada dia que passa, vai se caracterizando como força viva e dinâmica, como mola-mestra propulsora de todo o processo que nos envolve. É ela que questiona o mundo, e é a partir dela que o mundo se questiona.

O CENTRO "JUVENTUDE" DE CULTURA, lugar de convergência de adultos e jovens que conseguem dialogar em torno de toda essa temática, publicará o fruto de suas reflexões, tendo presentes as possibilidades das estruturas educacionais vigentes e concentrando-se nos dois pólos:

■ O microprocesso histórico, ou seja, a vocação pessoal (o eu), ou ainda o mistério de Cristo na vida pessoal.

■ O macro-processo histórico, ou seja a vocação universal (o nós), ou ainda o mistério de Cristo no mundo.

COMO EVANGELIZAR O PREADOLESCENTE

Meninos de 12 a 14 anos e meninas de 11 a 13 anos fazem seu ingresso decidido na fase crítica da adolescência. Provoca-se então um verdadeiro desmoronar dos valores da infância. Esse desmoronar, para ser fecundo, deve ir cedendo lugar aos valores da juventude. Nesta passagem reside a vocação do preadolescente.

O Bom Espírito, que é o Espírito de Cristo, está sempre conosco. Ele que, no começo, pairava sobre as águas, agora, presente nos jovens, impele-os a deixar para trás a segurança, a tranquilidade, o conforto que a *terrinha* da infância lhes proporcionava. Outrora, recebiam tudo, feitiço, da parte dos adultos. Agora, deverão criar, inventar sua própria vida, numa arrancada decidida rumo à nova terra, à terra prometida. É a *páscoa* dessa idade.

A partir das vivências e da sensibilidade desses garotos que, geograficamente, se situam no Brasil e, historicamente, vivem sua etapa juvenil em 1970, a catequese procurará refletir em busca do sentido último e pleno de quanto vivem eles, isto é, em busca do mistério de Jesus Cristo.

Mas o préadolescente não vive apenas uma temática pessoal, de raízes biopsicológicas, centralizadas em torno desse sair da infância para entrar na juventude. Vive também uma temática de índole sociológica, num mundo que o quer amoldar, integrar e que lhe causa não poucos problemas.

Por demais prêso ao microprocesso da infância, vê-se, de repente, jogado, e com uma consciência crítica muito aguda, no macroprocesso. Questiona-se e questiona tudo que o cerca.

Para ele a grande batalha no mundo trava-se entre o *novo* (aquilo que é *prá frente*) e o *velho* (aquilo que é passado, os valores dos *velhos*). Normal a radicalização nessa idade, porque o jovem é um ser em perspectiva; não tem raízes de espécie alguma no passado. O seu compromisso é com o presente e principalmente com o futuro.

Novamente, é o Espírito, que renova a face da terra, o grande impulsionador da juventude para que ela *saia* do velho em busca do *novo*. Jesus Cristo não quer que se ponha remendo novo em pano velho, nem se derrame vinho novo em odres velhos.

Este nôvo a construir é o Reino, antecipação concreta da Parusia do Senhor no tempo e no espaço. O mundo está-se renovando, nessa marcha acelerante da História, justamente pela e na juventude que hoje se caracteriza como a força dinâmica por excelência. Se a juventude perdesse o seu entusiasmo, o mundo inteiro bateria os dentes de frio.

Rumo à Terra Prometida e Mundo Nôvo assim foram chamados os dois conjuntos de fichas destinadas à catequese para os alunos de 1ª e 2ª série ginasiais.

COMO EVANGELIZAR A PUBERDADE?

Dizem os psicólogos que a adolescência é um período *subjetivo* da existência. Nessa fase da vida, a pessoa está mais voltada sobre si mesma, preparando assim o período seguinte que será mais *objetivo*, mais voltado para fora e para os outros. Aliás, parece ser uma das leis vitais — de períodos de concentração para períodos de expansão, assim como o inverno (concentração) prepara o desabrochar maravilhoso da primavera (distensão).

A adolescência pubertária (14-16 anos) representa o ponto culminante da adolescência. Se no período precedente (a préadolescência) o jovem se lançou furiosamente na conquista do *eu*, agora, depois de escalar a rampa de acesso, encontra-se no cume da montanha, saboreando as maravilhas desse *eu* que acaba de conquistar. Puberdade é, pois, idade de euforia do *eu*. O jovem se busca, se admira, se contempla, numa espécie de narcisismo natural. Descobrimo-lo, mede-se, avalia-se para ver com que forças pode contar na luta pela vida, dentro da sociedade humana, onde vai escolher e fazer o seu lugar ao sol.

A reflexão dessa idade gira toda em torno do *quem sou eu? que posso fazer?* Reflexão, pois, sobre o homem, sobre sua vocação ontológica e sua posição no mundo. Se, nessa idade, o jovem se descobrir como o ser da adaptação, será apenas mais um dentro do mundo, repetindo coisas useiras e vezeiras, uma máquina de consumo, sem nenhuma criatividade.

Ele precisa descobrir-se como o ser da transformação da criação, alguém que é dotado de imensas possibilidades para comandar a marcha evolutiva do mundo. Só assim poderemos contar com um homem, um fazedor de História, e poderão renascer em nós redobradas esperanças de acelerarmos o retorno de Jesus Cristo.

O apêlo que, nessa idade, lhes vem de todas as células para que viva, e viva furiosamente a vida, outra coisa não é senão o apêlo que disse — “Eu vim trazer a vida, quero que todos a tenham em abundância”. O jovem nessa idade experimenta o que é a *ressurreição*.

Um Lugar ao Sol é o nome escolhido para o conjunto de fichas catequéticas para as 3as e 4as séries ginasiais, polarizadas em volta da micro-história do adolescente. Em 1971, serão lançadas as outras fichas, relativas então à macro-história nessa idade.

COMO EVANGELIZAR A JUVENTUDE?

A adolescência adulta é a idade do amor. Depois de um período de infância em que a pessoa era o centro de atenções dos adultos, deles recebendo tudo; depois de dois períodos de adolescência (a preadolescência e a adolescência pubertária), em que testou sua capacidade de troca através de uma amizade mais profunda com colegas da mesma idade e de ambos os sexos, o jovem sente-se agora com uma capacidade de doação muito grande. Sente o desejo de dar ao mundo sua criatividade, sua potência inventiva, sua capacidade transformadora. Isto vai se consubstanciar numa profissão, para a qual o jovem se prepara com todas as forças. Quer doar-se totalmente a uma pessoa (cônjuge) ou a várias pessoas (comunidade) para a construção da tarefa maior. É a experiência profunda do amor, cujos caminhos lhe garantem o mergulho no mistério. Mistério que a fé lhe revela pelo nome — é o mistério insondável de Cristo.

Se, no mundo, o Reino a construir é o Reino do Amor, será através de um olhar pessoal impregnado de amor que o jovem estará em condições de realizar a própria vocação.

O Amor é Páscoa, porque é preciso perder tudo para ganhar tudo: é preciso perder-se a si mesmo para doar-se aos outros. A felicidade se conquista tornando os outros felizes pelo dom total e incondicional de nós mesmos.

É na adolescência adulta que o jovem se engaja definitivamente na vida, pelo matrimônio, pela ordenação sacerdotal ou pela profissão religiosa. O amor é a síntese de toda a sua vida.

Mas o mundo em que ele vai ingressar como adulto é um mundo construído por sucessi-

vas gerações que se perdem na noite dos tempos. Filho de sua geração, sente-se o jovem responsável pelos destinos do mundo inteiro; quer dar sua contribuição à marcha da História. Depara então com as situações-limites que caracterizam alguns dos temas geradores de nossa época, e cuja elaboração concreta vai permitir o avanço feliz da História.

Primeiramente, os povos subdesenvolvidos, fartos de miséria e firmemente decididos a sair da *escravidão do Egito* em que se encontram, para a *terra prometida* do desenvolvimento (“novo nome da Paz”). É a Páscoa que assoma no horizonte, ao nível das multidões de escravos que estão desencadeando o processo da própria libertação.

Para que esse desenvolvimento não seja mera ficção, ou apenas “um sonho em noite de verão”, os sistemas político-econômico-sociais se digladiam. Cientificamente, há um sistema com melhores probabilidades de êxito, para que, mais depressa, e ao menor custo, possamos ajudar a passagem desses bilhões de seres humanos doentes e famintos, de sua situação desumana para uma situação mais humana? Bíblicamente Deus nos continua acenando para a *terra prometida* em que ele quer a humanidade toda, na abundância para todos.

O mundo tem que superar a contradição capitalismo-socialismo sob pena de ver desencadeada, talvez, a Terceira Guerra Mundial.

No interior dos países, vivemos a contradição burguesia-proletariado. Alguns têm tudo, têm o comando das ações; são os que decidem, são *sujeitos*. E a maioria absoluta não tem nada, é constituída de subordinados, meros executadores, assalariados; são *objetos*. Nesses países, principalmente os do Terceiro Mundo, por causa da tensão reinante, existe o fenômeno de repressão e o fenômeno da revolução.

Na etapa final da juventude precisamos ver e ajudar a ver os males da humanidade, sobretudo, as raízes profundas desses males. A verdade dos fatos e das situações é o caminho certo da verdade total que “nos libertará” e que é uma pessoa — Jesus Cristo.

De um tipo de relacionamento humano em que há opressores e oprimidos, em Jesus Cristo passaremos ao relacionamento que liberta.

Jesus Cristo é a luz que ilumina todos os meandros da realidade humana, pois “ele é o único que sabe o que há no homem”.

A missão da juventude no mundo é exatamente a de deixar o sol entrar.

Os Caminhos do Amor e Deixa o Sol Entrar completam a coleção EDUCAÇÃO NOVA (e se destinam ao 2º ciclo do curso secundário).

Tôdas essas fichas, com exceção de *Rumo à Terra Prometida* que será lançada por VOZES, serão publicadas pela SONO-VISO DO BRASIL.

Para facilitar o conhecimento dos leitores de tão oportuna promoção catequética, damos a seguir as seguintes informações:

• O CENTRO "JUVENTUDE" DE CULTURA, no intuito de servir aos grupos de jovens que procuram evangelizar-se, está desenvolvendo um material didático dentro das técnicas pedagógicas e constando de:

- 1) Fichas para o coordenador (professor)
- 2) Fichas para os jovens
- 3) Material audiovisual constando de:
 - a) fitas magnéticas contendo gravadas as canções utilizadas nas fichas,
 - b) trilhas sonoras e séries de slides especialmente preparadas para o aparelho sono-viso,
 - c) cartazes ilustrativos.

Esse vasto material ainda não está todo confeccionado. A elaboração é lenta, pois o CENTRO não apenas deseja criar, mas quer renovar constantemente, ficando sempre atualizado.

• Cada tema pode ser desenvolvido em três etapas:

A 1ª etapa — duração de 50 minutos a uma hora — constitui-se num círculo de cultura em que os jovens são problematizados em torno do Tema. Para este primeiro trabalho, o livro do coordenador procura dar ricas sugestões.

O método é dialógico. Se é feita alguma apresentação do conteúdo (palestra?), deve-se tomar o cuidado de fazê-la possibilitando o pleno desabrochar da consciência crítica nos jovens. Nada de "magister dixit".

A 2ª etapa é uma redescoberta do tema, a partir das fichas dos jovens, com debates, estudos em grupos menores e reflexões pessoais na própria sala de reunião ou em casa.

Nesta segunda etapa, os jovens terão a grande oportunidade de expressar-se de maneira bem pessoal. Por isso, as fichas visam ser apenas um roteiro do livro-documentário que os próprios alunos precisam elaborar.

As fichas, portanto, são dispostas numa pasta e a elas vai-se anexando folhas brancas ou coloridas nas quais os jovens vão escrevendo os resultados dos debates, das suas pesquisas, das suas reflexões, ilustrando sempre com novas realidades da vida, transcritas também dos jornais, revistas; livros, cinema, etc.

A 3ª etapa é a síntese final a partir dos audiovisuais (sono-viso).

CENTRO "JUVENTUDE"
DE CULTURA
Rua Cel. Vicente, 444, ap. 130
Porto Alegre, RS

SONO-VISO DO BRASIL
Av. Paulo de Frontin, 568
Rio de Janeiro, GB

O SENHOR E A HISTÓRIA

Monsenhor
Roberto Mascarenhas Roxo

Ed. VOZES - 1969. 238 páginas.

Livro muito denso porque intenta apresentar uma síntese do *Mistério Cristão* à luz da história enquanto desígnio de Deus a se realizar em Cristo e na Igreja.

Partindo dos três níveis que se compenetraram e incorporaram na unidade da história: o *fenômeno*, objeto da interpretação científica; o *sagrado*, meta da pesquisa religiosa e, finalmente, o divino ou *mistério*, objeto da fé, — o Autor aponta os principais sentidos da história, sua unicidade e finalidade, sua identificação com a Igreja universal, cuja última fase é a Igreja católica. Com grande felicidade condensa a consistência ou a inteligibilidade definitiva da história nos seguintes termos: ela foi preparação, é posse e será consumação do acontecimento de Cristo (sua história pessoal) no homem e no cosmo.

Tal interpretação histórica da revelação ou, se quisermos, essa especulação histórica da teologia só é possível mediante a fé, que aparece como sendo a comunicação gratuita da consciência histórica de Cristo aos que o acolhem. Efetivamente, para quem crê, a história é o mistério de Deus em andamento, é uma intencionalidade divina em realização, é o próprio Cristo, alfa e ômega, princípio e fim (cf. Apoc 22,13) a crescer na Igreja.

As origens divinas da história são a própria eternidade ou momento-plenitude do Pai a gerar o Filho e a expirar, pelo Filho, o Espírito de am-

ESTANTE DE LIVROS

bos. Não existe, a rigor, um plano histórico na mente divina anterior à história. A idéia única do Pai é seu Verbo-Filho que se tornou história na encarnação. Daí o processo trinitário que se objetiva na história. Tudo procede do Pai e converge para o Pai, tudo procede por Cristo e se objetiva por Cristo, tudo procede no Espírito e se realiza no Espírito. Toda a dinâmica da história é fruto dessa recirculação trinitária. Por isso também, os dois maiores momentos da ação histórica de Deus são precisamente a *encarnação* do Verbo e o *pentecostes* do Espírito.

Na Igreja, que recebe sua consistência a partir de pentecostes, termina a formação histórica dessa recirculação, enquanto entrega e consagração. O supremo projeto eclesial só pode ser o acolhimento perfeito do Pai, por Cristo, no Espírito pa-

EVANGELHO DE JESUS

Texto dos quatro evangelhos ordenado em uma só narração com 500 gráficos e 200 ilustrações. Preparado pelos voluntários da associação "mimep" sob a direção de Monsenhor Enrico Galbiati.

Pedidos a:
FILHAS DO CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA

Av. Dr. Arnaldo, 1492
São Paulo, Capital — Brasil
Caixa Postal 8383

ESTANTE DE LIVROS

ra a consagração perfeita no Espírito a Cristo para o Pai. A criação, do nada aos espíritos, ao cosmos material, ao homem síntese, explica-se no mistério do Cristo, *alfa e palavra* no início.

Os anjos, em cuja existência a Igreja sempre acreditou de modo autêntico, explicam a própria origem dos demônios que são a rejeição do crescimento em Cristo, mas que são vencidos por Cristo.

O homem, criado em comunidade, à semelhança de Deus, como senhor e parte do universo, consagrado teologicamente a Deus desde o início mas em vista de uma salvação superior em Cristo, faz de seu primeiro ato histórico um (o) pecado.

Tôdas essas colocações são retomadas por Monsenhor Mascarenhas Roxo na linha de uma criação evolutiva, de um crescimento histórico do mais existencial e teológico ao Cristo pascal. Toda a *história* se torna, pois, messiânica, nascida que foi como espera e necessidade de Cristo. Sua plenitude é atin-gida quando Deus se insere irreversivelmente nela, fazendo-se o "Deus conosco, Emanuel". Tudo, então, ganha sentido. Cristo, pensado, querido e enviado pelo Pai, é a chave, o centro, o fim da história humana. Antes que o Verbo fôsse Cristo na história, a história era Cristo no Verbo do Pai. Houve duas pás-coas: a primeira foi a passagem do Pai à história; a segunda, a passagem da história ao Pai, em Cristo que tudo e todos recapitula, coroando o crescimento da história e dando resposta plena às aspirações por ele mesmo suscitadas na história.

Depois de Cristo, a história cresce em acabamento e interiorização da plenitude crística já realizada. A escatologia alimenta um encontro marcado na parusia ou a descoberta de um tesouro já possuído; é a revelação da história enquanto Cristo total edificado pelo Espírito. Nem o futuro está acima da história, nem a escatologia é subida para o alto. O futuro global da história é sinônimo da vitória global de Cristo; e na medida em que se opõe a este futuro em construção, todo o anticristo é anti-história também.

Na quinta parte do livro, trata-se da história pascal enquanto salvação, isto é, enquanto concretização, experiência e conscientização da ação salvífica de Deus pela integração do homem e do cosmo no mistério de Cristo. O que exige a vocação crística (Deus quer reassumir em Cristo todo o universo como nova criação) e o acolhimento crístico (ou seja, consciência da contingência das criaturas, de um destino além dessa contingência e aceitação do Cristo salvador). O homem vive historicamente nascimento, crescimento e morte; mas com a vocação pessoal de integrar cada momento de sua história no momento-único e definitivo do Senhor. A vida humana é fenômeno-sacramento que esconde uma desintegração-corrupção anti-escatológica ou uma integração-transformação no Senhor. Daí a grandeza da morte, como sacramento do caos ou sacramento da ressurreição.

Na sexta parte da obra, o Autor estuda teologicamente aquela dialética que a moderna consciência histórica sentiu presente na própria história, com um sentido construtor, como uma lógica de oposições, unidades de antinomias, sentido das contradições, crescimento pela luta, formação do mistério-história entre paradoxos.

Cristo, tendo assumido não uma natureza humana acabada em perfeição, mas dentro da sua realidade temporal e provisória, viveu e cumpriu uma dialética pessoal em duas dimensões: como efetivação de sua história pessoal e interior e como efetivação de sua vitória pascal. A dialética pascal é lei de Cristo para a história, que é glória de Deus ainda não revelada; que é encaminhamento para uma vitória definitiva e por enquanto imprevisível; que é um parto doloroso de valores.

Na última parte, focaliza-se *missão e teologia*. Missão é ação da Igreja histórica para levar a termo sua própria razão de existir. E uma vez que a Igreja representa o presente da história, sua atividade missionária deve corrigir *atrasos* e liderar *avanços*. Teologia é reflexão sobre o *mistério* ou história-de-sígnio. Há de ser dinâmica no sentido de pensar o mistério de Deus em si, à luz do mistério de Deus para nós. Há de aprofundar certas dimensões um tanto esquecidas pela teologia escolástica (o *querigma*, os *carismas*, os *mistérios litúrgicos*, a existência, a intencionalidade humana, a ação do homem e as realidades terrestres).

O livro de Monsenhor Masca-

renhas Roxo termina com o cântico do Nôvo Testamento:

"Ele é a imagem do Deus invisível... Tudo foi criado por ele e para ele, ele existe antes de tudo e tudo nêle subsiste".

Sem pretender resumir ou analisar a obra que apresentamos, foi nossa intenção destacar suas principais articulações, oferecendo aos leitores dessa crônica um como que antegosto do estudo meditativo de *O Senhor e a História*.

Apenas uma lacuna, a nosso ver, se poderia registrar na síntese teológica de Monsenhor Roxo. É a ausência do mistério de Maria. Em sua introdução, adverte-nos o Autor que "temas periféricos, embora de atualidade, serão sacrificados... em benefício da fundamentação teológica na Palavra, nos Padres e no Vaticano II". Parece-nos que a Virgem Maria, de quem nasceu Cristo como Filho da História, situa-se não na periferia, mas no próprio âmago do *mistério crístico*, como aquela que possibilitou historicamente a passagem do Pai à história e (de modo indireto) a passagem da história para o Pai. Assim nos falam dela a Escritura, os Padres e a *Lumen Gentium*. Gostariamos de vê-la inserida nesse magnífico estudo para encontrarmos "ainda mais riquezas para a nossa fé".

Irmão Aleixo Maria Autran

LIVROS RECEBIDOS

Ciências, 1ª série, por Goldemberg Erasmo Teixeira. — Editora Livrolândia, São Paulo. *Português*, 1ª 2ª 3ª e 4ª série, por Cândido de Oliveira. — Editora Livrolândia, São Paulo 1969. 3ª edição.

Geografia para a Escola Moderna, por Julierme de Abreu e Castro. — Editora Livrolândia, São Paulo 1969.

Psicologia Pedagógica — As Transformações da Infância — 1º vol., por Georges Cru-chon. Tradução de Paulo Sérgio Lima Silva. Título do original francês: *Psychologie Pédagogique*. — Editora Agir, Rio de Janeiro 1969, 303 pp.

Tratado de Filosofia — Lógica Cosmologia, por Régis Jolivet. Tradução de Geraldo Pinheiro Machado. Título do original francês: *Traité de Philosophie, I: Logique — Cosmologie*. — Editora Agir, Rio de Janeiro, 1969, 416 pp.

Nós, Gente do Povo, por Madeleine Debrêl. Tradução das Monjas Beneditinas da Abadia de Nossa Senhora das Graças. Título do original francês: *Nous autres, gens des rues*. — Editora Agir, Rio de Janeiro 1969, 258 pp.